



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

HELEN MARIA DE ARAUJO RODRIGUES

O VOO DAS ARARAS FALANTES PELO CÉU DA HETERONORMATIVIDADE:
Análise de falas e experiências por lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos
Estudos Culturais

PARNAÍBA
2024

HELEN MARIA DE ARAUJO RODRIGUES

**O VOO DAS ARARAS FALANTES PELO CÉU DA HETERONORMATIVIDADE:
Análise de falas e experiências por lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos
Estudos Culturais**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História, sob a orientação do professor Doutor Ruan Nunes Silva.

**PARNAÍBA
2024**

HELEN MARIA DE ARAUJO RODRIGUES

**O VOO DAS ARARAS FALANTES PELO CÉU DA HETERONORMATIVIDADE:
Análise de falas e experiências por lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos
Estudos Culturais**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em História, sob a orientação do professor Doutor Ruan Nunes Silva.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Orientador: **Doutor Ruan Nunes Silva**
Universidade Estadual do Piauí, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira

Professora Convidada: **Doutora Mary Angélica Costa Tourinho**
Universidade Estadual do Piauí, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira

Professora Convidada: **Doutora Renata Cristina da Cunha**
Universidade Estadual do Piauí, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira

APROVADA EM 20 DE DEZEMBRO DE 2024.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

**ATA DA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ**

Aos 20 dias do mês de dezembro de 2024, às 19:30, na presença da banca examinadora, presidida pelo professor orientador **Ruan Nunes Silva** e composta pelos seguintes membros: 1) **Renata Cristina da Cunha (UESPI/IFPI)** e 2) **Mary Angélica Costa Tourinho (UESPI)**, a acadêmica **HELEN MARIA DE ARAUJO RODRIGUES** apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História, na modalidade monografia, elemento curricular indispensável à colação de grau, intitulada: **O VOO DAS ARARAS FALANTES PELO CÉU DA HETERONORMATIVIDADE: Análise de falas e experiências por lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos Estudos Culturais**. A banca examinadora, reunida em sessão reservada, deliberou e a acadêmica foi considerada **APROVADA** com nota **DEZ (10,0)**. O resultado foi formalmente informado à acadêmica e aos demais presentes. A ata foi devidamente assinada por mim, presidente da banca, pelos demais membros e pela acadêmica, apresentadora do trabalho.

Assinaturas:

1- Presidente da Banca Examinadora

Ruan Nunes Silva

2- Membro da Banca

[Assinatura]

3- Membro da Banca

Mary Angélica Costa Tourinho

4- Acadêmica

Helen Maria de Araujo Rodrigues

*A todas as pessoas a quem este trabalho
poderá tocar. Que os estudos sobre gênero e
sexualidade sejam apenas o início para a sua
liberdade.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a minha família por todo o apoio e reconhecimento durante toda a minha vida – principalmente aos meus pais, Veneranda Galeno e Ivaci Rodrigues. A forma como vocês acreditaram em mim me faz ir cada vez mais longe! Em especial, gostaria de agradecer a minha irmã, Suélen Rodrigues por me ajudar com críticas e correções durante cada etapa do processo de escrita deste trabalho: desde a escolha do título e o desenvolvimento na escolha do tema. Talvez você saiba mais sobre meu tema do que qualquer outra pessoa. Obrigada por reler meu trabalho tantas vezes: você foi essencial para essa trajetória que, além de acadêmica, também foi pessoal.

Agradeço também aos meus amigos do curso de História da Uespi. Minha trajetória e todas as transformações que foram desenvolvidas durante minha formação estão atreladas a nossas relações durante todos esses quatro anos. Em especial, minha amiga Luana Maria, por ter me acompanhado durante tantos trabalhos desenvolvidos e o nosso desenvolvimento pessoal também. Agradeço também a minha amiga Nalanda Nascimento, por seu companheirismo em nossas primeiras experiências em sala de aula.

Aos professores do curso, em especial Felipe Ribeiro por me ensinar sobre o amor pela educação. Entrar em uma sala de aula com brilho nos olhos foi algo que aprendi com a sua paixão pelo ensino. Danilo Bezerra, que me orientou durante alguns meses antes da troca do tema de pesquisa, suas análises sobre minha escrita e formas de pensar foram essenciais para que eu chegasse aqui hoje, acreditando no potencial que posso desenvolver. À professora Mary Angélica, por ser um sinônimo de sabedoria e leveza, seu apoio e comentários em cada trabalho meu apresentado foram especiais para que eu desenvolvesse meu senso crítico sobre diversos assuntos, especialmente gênero. E, por último, ao meu orientador, Ruan Nunes, que me acolheu como orientanda e foi presente em cada etapa deste trabalho. Você me ensinou muito mais que teoria, aprendi muito sobre mim e o meu tema ao mesmo tempo em que ria e refletia durante nossas reuniões. Além de me mostrar um lado da educação no qual é possível ser uma pessoa atenciosa, carinhosa e rigorosa ao mesmo tempo.

Aos meus amigos de fora do curso de História, que me ouviram por horas falar sobre o meu tema e demonstraram grande interesse em saber mais sobre minha pesquisa. Isso foi crucial para reconhecer a importância de desenvolver essa pesquisa. Em especial, minha amiga Crislane Oliveira por instigar a manter a pesquisa e demonstrar ânimo pelo tema, além de indicar leituras relacionadas que pudessem me motivar. Por último, a minha amiga

Andreza Crystinne, por toda a ajuda que me proporcionou durante a pesquisa. Você foi essencial para o bom andamento da minha pesquisa e escrita final.

Sou eu quem me pareço com um homem / ou a sua insistência em um padrão heteronormativo / que me nega enquanto mulher? / e quando colocada enfileirada do lado das outras / só por não usar vestidos e ter a cabeça raspada/ me torno a mais fria / a mais propensa a trair/ grossa/ errada / ruim / rude / -não costumo ganhar flores- [...] / o afeto não pode me alcançar [...] (Baeta, 2023. p. 117).

RESUMO

RODRIGUES, H. M. A. O voo das araras falantes pelo céu da heteronormatividade: análise de falas e experiências por lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos Estudos Culturais. Monografia p. 58. 2024 (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus de Parnaíba, 2024.

Este trabalho tem como base a análise feita a partir de falas de lésbicas desfem em episódios de podcast disponíveis na plataforma Spotify lançados no ano de 2023. Três podcasts – (i) *Lésbica e ansiosa*, (ii) *Sapajusta* e (iii) *Tesoureiras podcast* – foram utilizados como meio de socialização de experiências lésbicas desfeminilizadas. Entre os principais temas abordados, estão relatos de experiências que relacionam a influência do sistema heteronormativo às vivências observadas por elas. Por conta da construção social de gênero e sexualidade, muitas mulheres lésbicas desfem relatam acontecimentos que indicam que a sua performatividade de gênero é afetada pela presença de papéis de acordo com níveis de feminilidade. Após reflexão sobre tais questões, uma pergunta inicial foi elaborada: De que formas a heteronormatividade é reproduzida e questionada em falas de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos Estudos Culturais? O seguinte objetivo geral foi proposto: Analisar como a heteronormatividade é reproduzida e questionada em falas de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos Estudos Culturais. A partir disso, para se chegar a resultados satisfatórios de seu desenvolvimento, os seguintes objetivos específicos foram propostos: Definir os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, com ênfase no conceito de heteronormatividade; (i) Definir os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, com ênfase nos conceitos de heteronormatividade, gênero e sexualidade; (ii) Discutir as experiências de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcasts brasileiros com atenção para questões de gênero e sexualidade; (iii) Identificar a reprodução e o questionamento da heteronormatividade nas falas das participantes dos episódios de podcasts. Quanto a metodologia, foi realizada uma pesquisa do tipo documental, de abordagem qualitativa e cunho exploratório. Onde foi possível perceber algumas características próprias dessas experiências de lésbicas desfem que estão ligadas a construção social heteronormativa acerca de suas respectivas performatividades de gênero. Nesse sentido, foi feita uma reflexão sobre como esse sistema está interferindo em suas relações, tomando a experiência lésbica como enfoque principal para se pensar a vivência de mulheres desfeminilizadas.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Heteronormatividade. Gênero. Sexualidade. Podcast. Desfem. *Lésbica e Ansiosa*. *Sapajusta*. *Tesoureiras Podcast*.

ABSTRACT

RODRIGUES, H. M. A. O voo das araras falantes pelo céu da heteronormatividade: análise de falas e experiências por lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos Estudos Culturais. Monografia p. 58. 2024 (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus de Parnaíba, 2024.

This research analyses desfem [defeminised] lesbians' speech acts in 2023-released podcast episodes available on Spotify. Three podcasts – (i) *Lésbica e ansiosa*, (ii) *Sapajusta* e (iii) *Tesoureiras podcast* – have been used as a means of socialisation of lesbian experiences. Among the discussed themes are experiences which connect the influence of the heteronormative system to the lived and felt everyday life. Due to the social construction of gender and sexuality, many desfem lesbians describe different events in which their gender performativity is affected by the presence of gender roles according to levels of femininity. Upon reflection, a guiding question has been made: in which ways is heteronormativity reproduced and questioned in desfem lesbians' speech acts in podcast episodes from a Cultural Studies perspective? This question is then turned into the general objective: to analyse how heteronormativity is reproduced and questioned in desfem lesbians' speech acts in podcast episodes from a Cultural Studies perspective. To reach this goal, the following subsidiary aims have been outlined: (i) define the theoretical grounds of Cultural Studies, with special attention to gender, sexuality and heteronormativity; (ii) discuss the experiences of desfem lesbians in Brazilian-produced podcast episodes with special attention to questions of gender and sexuality; and, finally, (iii) identify the processes of reproduction and questioning of heteronormativity in the podcast guests' speech acts. From a methodological standpoint, this research is described as a documental one, of qualitative approach and exploratory perspective. In which is possible to see some of the personal characteristics from these desfem lesbians' experiences that is connected to the social heteronormative construction relating their respective gender performativities. In this sense, a reflection was made about how this system interfere their relationships, taking place the lesbian experience as the main focus to think their daily life of defeminized womens.

Keywords: Cultural Studies. Heteronormativity. Gender. Sexuality. Podcast. Desfem. *Lésbica e Ansiosa*. *Sapajusta*. *Tesoureiras Podcast*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O RESSOAR DAS VOZES EM MEIO A TURBULÊNCIA COTIDIANA: A CULTURA EXPRESSA EM PODCASTS	19
2.1 História dos Estudos Culturais	20
2.2 Podcast como Fonte: quando a voz e o silêncio falam na mesma intensidade	25
3 SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE : discussões teóricas e trocas de experiências a partir da performatividade de gênero	31
3.1 O Podcast Enquanto um Espaço de Socialização de Experiências para Lésbicas Desfem	32
3.2 Sexo e Gênero: conceitualização e função social na construção de estruturas	36
3.3 A Performatividade de Gênero e a Lesbianidade Desfem	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Deve-se ser ingênuo ou ter uma crença muito revolucionária para acreditar que seria possível uma existência que não envolva regras e condições para aceitação quanto a performatividade de gênero (Butler, 2018)¹. Tendo em vista a própria vivência em uma sociedade que já delimita regras ou padrões de performatividade de gênero preexistentes para cada um que esteja inserido em um meio social, se torna uma medida difícil de ser levada a diante.

Dessa forma, para identificar um padrão ou algo que está enraizado em muitas vivências, seria possível propor um exercício de reflexão. Sem levar em conta a presença ou não de um útero ou demais órgãos que delimitam uma existência binária (o qual muitas pessoas ainda se apropriam para tentar definir gênero em uma dualidade onde existem apenas homens e mulheres), como seria possível descrever algo feminino? Seria uma pessoa de cabelo longo ou curto? Seria pela questão da vaidade? Como ela deve se portar? Qual o tom de voz? Como se veste? Quais palavras ela usa para se expressar?

Todos esses questionamentos já são um início para se perceber como muitos desses pensamentos ainda estão enraizados em expressões e percepções cotidianas que serão essenciais para pensar as experiências e as falas analisadas ao longo do texto. Para compreender a crítica contida nos episódios dos podcasts aqui selecionados, é preciso compreender o que determinados conceitos relacionados aos estudos de gênero e sexualidade significam e de que formas eles agem sobre a vida de mulheres lésbicas desfeminilizadas.

Ao tratar especificamente de mulheres que não performam feminilidade, utilizo o termo “desfem”, abreviação de “desfeminizada”. Este é um termo propagado principalmente entre a comunidade lésbica para se referir ao grupo de mulheres que não performam feminilidade (pelo menos não a feminilidade estereotípica esperada socialmente a partir de signos específicos) (Tesoureiras, 2023). Esses padrões ou regras podem ser diferentes para cada cultura, mas aqui levo² em conta um senso comum muito disseminado no Brasil. Claro, pode-se e deve-se argumentar que existem mulheres heterossexuais, bissexuais e entre outras denominações que podem estar atreladas à não performatividade da feminilidade, mas, neste trabalho, por questões de escopo e tempo, busco analisar apenas as experiências de mulheres lésbicas. Dessa forma, busco entender suas vivências a partir de acontecimentos que estão

¹ Neste trabalho o termo performatividade de gênero está sendo utilizado segundo a definição de Judith Butler no qual diz respeito aos atos performativos que socialmente podem ser lidos enquanto indicadores de gênero.

² Utilizo a primeira pessoa do singular como forma de posicionamento crítico neste trabalho.

relacionados às suas maneiras de existirem e serem vistas relacionadas a sua lesbianidade e performatividade.

Agora que os principais pontos sobre a pesquisa foram brevemente apontados, gostaria de descrever o surgimento do interesse que impulsionou o desenvolvimento da pesquisa. O interesse pelo presente tema se deu a partir de uma trajetória muito pessoal, em que os principais conceitos evidenciados ao longo da presente pesquisa foram verdadeiramente vivenciados em minha trajetória – tal como a heterossexualidade compulsória (termo utilizado para se referir aos atos pelos quais a heteronormatividade se utiliza para manter sua vigência) (Silva, 2000). O interesse também foi desencadeado a partir de preferências de temas tratados academicamente. Pesquisar sobre a História das mulheres em contextos diferentes, tais como a figura da mulher no Cangaço, o papel femininino em famílias durante o período imperial, foram temas importantes para formular de que forma as mulheres muitas vezes são invisibilizadas na História.

Apesar dos temas relacionados a diferentes sexualidades não terem sido tomados como enfoque durante a graduação, por conta de vivências pessoais, passou-se a ser um tema de muita relevância e interesse de forma pessoal. Isso significa que, muito do que foi pesquisado de forma avulsa durante o início da pesquisa, não tinha a menor pretensão de levar esse tema a uma pesquisa acadêmica. Somente quando passei a perceber e entender ainda mais sobre a problemática a qual esse tema envolvia, além da vontade de entender cada vez mais sobre essas relações, que passei a levá-lo em consideração, o estruturando. A partir disso, justamente com o meu processo de autoconhecimento sobre a minha sexualidade, pensar uma junção de pesquisa que interligue essas questões de gênero juntamente com a sexualidade foi algo que instigou o meu interesse cada vez mais, contribuindo para a formulação desta pesquisa.

A heterossexualidade compulsória sempre foi muito presente em minha vida, presente de tal maneira que dificultou meu autoconhecimento e ainda prejudica meu reconhecimento identitário. Fui uma adolescente que pensava “eu não posso gostar de meninas” ou “pelo menos eu gosto de meninos”, como uma corrente, uma oração que me fizesse acreditar em tudo o que pensava, e acabou atrasando o processo de compreender minha sexualidade e lidar com ela. Foram muitos anos me forçando a acreditar nessas frases e percebi depois de muito tempo que esse pensamento não era natural. Na verdade, nem eu mesma acreditava neles. Foi algo construído. Algo que me foi imposto como regra silenciosa, onde o silêncio se dá por não ter sido uma regra imposta em voz alta, ela estava presente em pequenos detalhes, em curtas

falas ou pequenas representações. Mas silenciar a própria sexualidade nunca foi uma missão fácil, muito menos silenciosa.

Para entender melhor sobre isso de forma pessoal, acabei pesquisando em plataformas digitais sobre temas relacionados a mulheres falando sobre suas vivências referentes às suas respectivas sexualidades. Foi nesse momento que conheci o nome de Elayne Baeta e logo percebi que ela era muito conhecida entre mulheres sáficas, que segundo Bruna Liu (2003, online), é um termo utilizado para descrever mulheres que se relacionam com outras mulheres, não apenas lésbicas. Além de escritora de romance e poesia que envolvem a sua perspectiva como uma mulher lésbica, Baeta, também apresenta um podcast chamado *Lésbica e ansiosa*. Nesse espaço, ela retrata vivências que envolvem sua sexualidade e perspectiva de mundo perante isso. Ler os livros de Baeta, ouvir seus episódios de podcast e, principalmente, observar as pessoas que acompanham ela e que também enfrentaram dificuldades em lidar com a sua sexualidade, me ajudaram a encontrar um lugar acolhedor. Apesar de até o momento da publicação deste trabalho, ainda não me sentir pertencente a uma sexualidade definida, conhecer essas pessoas que falam sobre suas vivências me ajudaram a perceber o quanto a heterossexualidade compulsória estava presente. Além disso, esse surgimento do interesse e o encontro com os materiais de Baeta me ajudaram a entender todos aqueles questionamentos que me assombraram por tanto tempo.

Dessa forma, conhecer Baeta e seus fãs a partir das postagens em redes sociais me ajudou a perceber que eu não estava tão sozinha quanto pensava e que existiam outras pessoas que também passaram por experiências um pouco parecidas às minhas. Todas essas descobertas vieram próximas ao período desta pesquisa e da escolha de tema para o TCC. Ou seja, era uma temática que me envolvia de uma maneira pessoal, mas que, inicialmente, não imaginei que se tornaria um trabalho a ser apresentado ao final do meu curso, uma vez que, muitas dessas descobertas vieram já durante os últimos semestres antes da sua conclusão.

A primeira questão que me fez pensar na ideia desse recorte relacionado a mulheres desfeminizadas se deu a partir de um episódio do seriado *ICarly*. Sendo um seriado de humor juvenil, no episódio intitulado “Transformando Sam” acontecem algumas situações que colocam a performatividade de gênero de Sam em pauta. Um exemplo disso se dá no início do episódio, quando Sam é homenageada por seus amigos em seu aniversário, mas se entristece ao perceber que muitos deles lhe deram características que estavam relacionadas a comportamentos que geralmente estão ligados a imagens de meninos e não aos que normalmente estão relacionados aos de suas amigas. “E mesmo não conhecendo a Sam a muito tempo, eu sei que se eu me envolver numa briga e tiver o time de futebol pra me

defender ou a Sam, vou escolher a Sam. Você é muito sinistra, cara” (iCarly, 2009). Isso indica que geralmente essa personagem era vista nesse lugar que muitas vezes não estão ligadas a maioria das meninas quando se espera que elas sejam femininas. Uma menina feminina, segundo os estereótipos sociais, não se envolveria em uma briga; muito menos equiparada a um time de futebol inteiro.

Apesar de Sam não ser considerada uma personagem lésbica na série, sua performance de gênero é nitidamente diferente das demais meninas presentes no seriado. Durante esse episódio, Sam se interessa por um menino, mas ele a vê, assim como os outros, enquanto uma pessoa diferente das outras meninas. Nesse momento, Sam pede para sua amiga Carly lhe ensinar a ser feminina, para que assim ele a enxergue enquanto alguém interessante. A questão que me chamou a atenção enquanto assistia esse episódio foi perceber como a performatividade de gênero pôde “influenciar” a maneira como alguém é vista por outras pessoas e como isso pode interferir em suas relações.

Partindo desse pensamento, retornando ao podcast de Elayne Baeta, notei no episódio “A teoria do buquê hipotético” (*Lésbica e ansiosa*, 2023), juntamente com a observação de outras mulheres lésbicas desfem falando sobre suas desfeminilidades, percebi o quanto esse tema é importante e o quanto ele seria significativo para o momento o qual estava vivenciando. A partir disso, pesquisas em outras plataformas também foram feitas, como o Youtube, em busca de vídeos de lésbicas desfem falando sobre suas vivências. Porém, nesse caso, a quantidade de vídeos encontrados foram considerados insuficientes para o objetivo inicial da pesquisa, onde se pensava desenvolver um trabalho que fosse capaz de reunir um número significativo de experiências diferentes. A partir de pesquisas feitas no Google, pensando no uso de séries, filmes e músicas sobre a temática, fez com que fosse possível perceber que todas essas alternativas poderiam ser descartadas para este recorte. Muito dessas exclusões se davam pela inexistência de fontes relevantes encontradas até aquele momento. Entende-se que parte dessa dificuldade está interligada tanto a especificidade do recorte da sexualidade e gênero, como também pelo uso da palavra desfem.

Com isso, a partir da escolha do podcast de Elayne, o uso dessa plataforma foi verdadeiramente reconhecido enquanto uma ótima plataforma para a presente pesquisa a partir do momento em que na barra de pesquisa a palavra-chave “desfem” foi escrita. Dentro dos episódios encontrados estavam em destaque os episódios aqui analisados, ambos lançados em 2023. A preferência se deu por episódios mais longos, portanto, com mais de quarenta minutos, pelo menos, para assim fosse possível obter uma maior gama de falas e diálogos que pudessem relacionar a diversidade de experiências sobre o assunto. Com isso, além do

podcast *Lésbica e Ansiosa*, os podcasts *Sapajusta* e *Tesoureiras Podcast* também foram perfis selecionados e ouvidos previamente para então definir a escolha.

Uma vez explicada a motivação, é necessário um comentário metodológico. A pesquisa segue a partir de um método documental, o que implica dizer que faz parte de um tema especificamente ainda pouco abordado, tanto referente às discussões de gênero e sexualidade, como principalmente o uso do podcast enquanto fonte, que neste trabalho foi tratado enquanto um documento onde foram retiradas as análises e discussões desenvolvidas. O trabalho possui abordagem qualitativa, pois se trata de uma visão para as questões sociais e culturais relacionadas a assuntos ainda pouco abordados, mas que demonstram a sua relevância acadêmica a partir de uma discussão reflexiva. Por fim, possui cunho exploratório por tratar de uma temática ainda pouco explorada especificamente em meios acadêmicos (tanto pela pesquisadora quanto por outras pesquisas).

Durante a escrita desse texto, utilizo a linguagem na primeira pessoa do singular. Isso se dá, pelo fato de que a presente pesquisa trata sobre experiências pessoais. Portanto, apesar de a autora desse texto não fazer parte do “objeto” de análise, é impossível abordar um tema no campo da História sem se colocar nele. Na referida disciplina, cada texto pode conter uma intenção, mesmo que este tente se isentar de uma opinião, ele ainda estará apresentando uma, mesmo que não seja de forma direta ou perceptível a leitores menos atentos. O que quero dizer é que ao analisar experiências de mulheres lésbicas desfem estou também comentando sobre a minha posição no mundo. Toda a construção do texto, as palavras e conceitos que escolhi ou não usar, minha visão sobre cada tema abordado, textos que li e não escolhi citar. Cada detalhe, mesmo não fazendo parte do objeto de pesquisa, não pode ser separado da minha experiência e da minha escrita.

Ainda em tom metodológico, gostaria de comentar sobre a seleção dos podcasts. A escolha dos episódios se deu pela palavra chave “Desfem” que estavam contidas nos títulos encontrados durante a busca ou que eram tema principal do episódio. Essa busca foi feita na plataforma *Spotify*. Existem podcasts que em algum episódio tratam sobre essa temática, porém nem sempre de forma contínua, tratando apenas sobre esse tema durante todo o episódio. Assim, as trocas de experiências entre mulheres lésbicas desfem fazem parte dos critérios de escolha de cada episódio. Cada um tem sua própria dinâmica de funcionamento, tempo de duração, convidadas, temas abordados e principalmente experiências relatadas. Dessa forma, foi possível abarcar uma quantidade considerável de trocas e diálogos que contribuem para a discussão do tema proposto e análises feitas nesta pesquisa.

Partindo da ideia de pesquisas realizadas em plataformas digitais, relacionando a heteronormatividade a partir de mulheres lésbicas desfem, apenas um único trabalho acadêmico foi encontrado durante as pesquisas. O trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais de Jéssica Motta Batista intitulado: *#POV: Você é a “mulher da relação”: moralidade e violência no amor entre mulheres adolescentes* (Batista, 2023). Neste texto, a autora utiliza diversas temáticas semelhantes à presente pesquisa, especialmente considerando o fato de ela relacionar a maneira como a instituição de modelo heterossexual influencia as relações entre mulheres. Durante a análise, feita a partir de experiências vivenciadas por suas alunas durante o estágio e vídeos disponíveis de forma online no aplicativo TikTok, ela relaciona a construção de feminilidade demonstrando exemplos de vídeos que representam a mulher desfem colocada a desempenhar o papel de um homem, por não performar tais níveis de feminilidade.

Pesquisar o tema proposto se torna algo muito relevante em diversos pontos de estudo, tanto dentro das questões de gênero quanto de sexualidade. Apesar de que, em muitos momentos, as duas demonstram estar lado a lado. Entender de que forma a sociedade se organiza e como constrói suas regras e normas a serem seguidas, podem trazer questionamentos sobre o quanto das vivências diz respeito às normas e não a quem realmente se é. Talvez seria até mesmo difícil conseguir fazer essa distinção, visto que essas questões estão tão imbricadas em muitas vivências desde que se nasce, que seria difícil definir uma divisão clara entre ser e se tornar.

Pesquisar esse tema e dar espaços de escutas para mulheres que por muitas vezes foram invisibilizadas na História, sinaliza um novo caminho, uma nova forma de se assimilar uma perspectiva social quanto ao recorte que está sendo trabalhado. Aliás, não se faz necessário grandes estudos para saber que mulheres, ou mais especificamente mulheres lésbicas, sofrem diversos tipos de violência em seu convívio. Contudo, uma análise sobre o peso que a performatividade de gênero imposta, juntamente com o rompimento de vivência de uma regra quanto à heterossexualidade, pode interferir na forma como essas mulheres se relacionam ou são vistas, trazendo um novo olhar para que essas mulheres também sejam enxergadas enquanto agentes históricas de suas próprias vivências.

Enxergar o podcast a partir dos Estudos Culturais como uma maneira de perceber sua importância cultural é uma forma de evidenciar sua interferência dentro das relações culturais dispostas em diferentes ambientes. Por se tratar de um ambiente virtual, o podcast pode não ser visto de maneira acadêmica, principalmente enquanto uma fonte histórica justamente por não ser imediatamente reconhecido como um documento físico tal qual um impresso (Tomasí,

2013). Outra crítica considerável parte de uma visão de que algumas produções culturais ligadas ao processo de industrialização não seriam parte de uma cultura de verdade, mas sim, apenas um produto industrial. Theodor Adorno e Max Horkheimer (2009, p. 5) já destacaram, no final dos anos 1940, suas preocupações com a indústria e a massificação: “O cinema e o rádio se autodefine como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos”. O trecho citado faz alusão à ideia de que existe uma indústria cultural que é capaz de expressar as relações sociais modificadas pela presença dos meios de comunicação ou propagação cultural. Os autores indicam, assim, que essas determinadas tecnologias que permitem o acesso por diferentes pessoas em lugares distintos não se trataria de uma cultura, propriamente dita, seria apenas um produto industrial, uma mercadoria (Adorno; Horkheimer, 2009). A partir disso, se torna imprescindível discutir acerca dessas percepções de cultura e como ela pode estar expressa nos modos de vida de quem ouve podcast.

Com isso, apesar da percepção acerca desse meio de comunicação ainda ser alvo de diferentes percepções, a sua utilização demonstra de que maneira esses novos meios de propagação cultural são uma nova plataforma que podem ser utilizadas para pesquisas e não apenas descartadas, sendo essencial levar em conta suas características que demonstram aspectos sociais. Portanto, esses novos meios de propagação, tal como compreendo o podcast, não deve ser resumido apenas a um artefato econômico, apesar de ser em certa medida. Mais do que isso, o podcast, à luz de Halberstam (2020), também fornece um retrato social de temáticas a serem abordadas, justamente porque fornece uma compreensão de como a vida contemporânea está contida nas práticas culturais.

Para compreender as questões propostas, o seguinte questionamento foi feito: De que formas a heteronormatividade é reproduzida e questionada em falas de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcast à luz dos Estudos Culturais? Para responder a este questionamento, o seguinte objetivo geral foi proposto: Analisar como a heteronormatividade é reproduzida e questionada em falas de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos Estudos Culturais. Para atingir este objetivo de maneira satisfatória, os seguintes objetivos específicos foram instituídos: (i) Definir os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, com ênfase nos conceitos de heteronormatividade, gênero e sexualidade; (ii) Discutir as experiências de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcasts brasileiros com atenção para questões de gênero e sexualidade; (iii) Identificar a reprodução e o questionamento da heteronormatividade nas falas das participantes dos episódios de podcasts.

Por fim, o título principal deste trabalho – “O voo das araras falantes pelo céu da heteronormatividade” – implica o uso de araras, pássaros que, diferente do que muitos pensam, não falam tal qual seres humanos, apenas reproduzem sons. Enquanto uma equiparação às araras que muitas vezes apenas reproduzem sons, essas mulheres lésbicas desfem reproduzem falas heteronormativas. Porém, apesar dessa reprodução, elas também buscam um rompimento desse processo, chegando assim a uma fala por si própria, sem apenas a busca por reprodução. Nesse caminho, são araras *falantes*. A analogia do voo pelo céu indica a busca por liberdade ao tentar se desprender de todos esses sistemas e padrões que as fazem passar por determinadas situações e vivenciar certas experiências por conta da sua performatividade de gênero.

O voo se dá por um céu heteronormativo, pois fica evidente, a partir das proposições, que mesmo em busca de um distanciamento, muitas das falas que analiso aqui ainda precisam estar ligadas ao sistema da heteronormatividade, pois esse é o sistema vigente em que muitas pessoas estão inseridas. Isso implica dizer que, por mais que essas mulheres estejam em um voo direto em direção a uma liberdade por expressar sua experiência de gênero, esse céu ainda é heteronormativo. Ou seja, ele ainda precisa de determinadas afirmações para tentar se desprender daquilo que lhe foi imposto. Mesmo buscando a fuga do sistema heteronormativo, fica evidente que ele ainda está em vigência. A partir disso, mesmo se utilizando de novas ideias, esse debate ainda está sendo ecoado em um espaço em que a heteronormatividade ainda não se findou. Por esse caminho, o céu da heteronormatividade existe, mas também há araras falantes para voar.

A partir da compreensão do título, juntamente com um panorama geral das questões introdutórias abordadas até aqui, foi possível observar de maneira sucinta um pouco da temática que está disposta nas seções seguintes. Dessa forma, durante a seção intitulada “O ressoar das vozes em meio a turbulência cotidiana: a cultura expressa em podcasts” são tratadas algumas questões quanto ao uso de podcasts em pesquisas acadêmicas, formas como essa análise geralmente são feitas, além de relacionar essas experiências aos Estudos Culturais. Partindo para a seção de análise, “O ressoar das vozes em meio a turbulência cotidiana: a cultura expressa em podcasts” aborda a discussão dos principais conceitos utilizados para discutir gênero e sexualidade a partir das falas analisadas em episódios de podcasts sobre a vivência de mulheres lésbicas desfeminilizadas. Concluindo com as considerações finais acerca dos objetivos alcançados e discussões acadêmicas e pessoais sobre a pesquisa desenvolvida.

2 O RESSOAR DAS VOZES EM MEIO A TURBULÊNCIA COTIDIANA: A CULTURA EXPRESSA EM PODCASTS

Qual peso seria mais considerável na balança cultural de valores da música brasileira? MPB ou sertanejo? Música clássica ou funk? Além disso, qual seria a diferença entre dizer que passa os finais de tarde de domingo em uma mesinha de bar da esquina e afirmar que prefere uma exposição de museu? Seria necessária muita honestidade, mas é sabido por muitos que, por uma ótica elitista, principalmente, pode haver um julgamento de valores acerca do que é considerado ou não cultura.

Aquilo que é tradicionalmente considerado cultura é algo visto como enraizado, de valor, com história e muitas vezes pode se tratar de algo que apenas um grupo tem acesso. Com isso, é muito comum ouvir uma pessoa elogiando uma outra indicando que ela tem cultura por ouvir determinado estilo de música e frequentar determinados lugares. Porém, a pessoa que não gosta de Djavan e muito menos costuma ir a recitais e exposições de arte teria então cultura? Para os Estudos Culturais, a resposta é afirmativa: sim, todas as pessoas possuem e produzem cultura, como afirma Raymond Williams (2015). É imprescindível, portanto, um entendimento sobre esse movimento a fim de compreender a escolha do objeto de estudo aqui tratado.

Na primeira seção secundária, intitulada “História dos Estudos Culturais”, é apresentada a trajetória dos Estudos Culturais. Tratando sobre seus principais temas, entendendo desde os processos ocorridos durante seu surgimento, passando por temas tratados ao longo dos anos de sua presença. Compreendendo, dessa forma, o que seria considerado cultura a partir de seus princípios. Dessa forma, construindo a ideia de cultura a partir dos Estudos Culturais para assim conseguir formular o podcast enquanto uma maneira relevante e considerável de se perceber os aspectos culturais brasileiros, especificamente sobre a temática de gênero e sexualidade. Já a segunda seção, “Podcast como fonte: quando a voz e o silêncio falam na mesma intensidade”, aborda uma discussão sobre a plataforma e o formato de podcast propriamente dito. Ou seja, são apresentados dados que ajudam a compreender a sua relevância tanto para seus consumidores quanto para o campo da História.

Foram, então, analisados trabalhos com temáticas parecidas tratando sobre gênero e sexualidade em episódios de podcast para se entender um pouco de como essas pesquisas geralmente funcionam, destacando aspectos sociais a partir de vivências e trocas culturais entre os temas tratados. Compreendendo, dessa forma, como alguns trabalhos acerca de podcast que tratam sobre essa temática, geralmente são produzidos. Para se obter um breve

panorama de como essas análises geralmente ocorrem e são trabalhadas, foram levadas em conta textos que também lidam com o podcast enquanto fonte principal de pesquisa. Um exemplo disso foram as escolhas dos autores dos textos quanto às escolhas dos trechos e analisados, e principalmente, de que forma isso foi feito.

2.1 História dos Estudos Culturais

“Os estudos culturais abarcam discursos múltiplos [...]” afirma Stuart Hall (2003, p. 200), “bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado”. Conceituar os Estudos Culturais ou defini-los em um determinado padrão de regras pode não ser uma tarefa fácil. Ana Carolina Escosteguy (1998), inspirada nos escritos de Hall, rejeita uma definição que anseie algo meramente descritivo ou que utilize uma linguagem prescritiva para esse campo ao qual faz parte.

A citação de Hall, indicada no início da presente seção, diz respeito ao fato de que não se pode atrelar os Estudos Culturais a uma única forma de falar, um único método de pesquisa ou tema. Na verdade, seria algo múltiplo, ou interdisciplinar (Cevasco, 2003). Inclusive, Escosteguy (1998, p. 88) faz referência a essa concepção ao indicar que “[o]s estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’ mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade [...]”. Portanto, se trata de um projeto que abarca diversas experiências e perspectivas com o intuito de maior compreensão e integração social por diferentes perspectivas. Nas palavras de Maria Elisa Cevasco (2003, p. 62):

[...] os estudos culturais começam com um empreendimento marginal, desconectado das disciplinas e das universidades consagradas, e começaram não porque este ou aquele intelectual os inventou, mas a partir da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade.

Com isso, a autora indica que eles não buscam apenas uma definição, mas sim uma nova perspectiva, se utilizando de diferentes visões. Como indica Hall (2003), para conseguir ampliar um campo que visa o estudo de áreas da sociedade que poderiam ser representados pelos seus estudantes, ou seja, pessoas consideradas comuns, invisibilizadas pelas elites e com uma linguagem simples que ocasionaram um diálogo fluido entre o que era ensinado e vivenciado cotidianamente por eles. Com isso, essa autora também traz obras de grande

reconhecimento desse momento de autores como Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson, para exemplificar um pouco do contexto da época de seu início e pensamentos, indicando o seguinte:

Hall, ao ressaltar as questões da cultura, da consciência e da experiência, e ao enfatizar a importância da ação de grupos e classes na mudança social, diz que essas obras configuram uma quebra com a tradição dos modos de estudar os fenômenos sociais. Segundo Hall, “estes três livros constituem a censura na qual - entre outras coisas - surgiram os estudos culturais” (Cevasco, 2003, p. 60).

A partir disso, observando a maneira como se deu seu surgimento, é possível entender que desde o início não se tinha uma grande premissa limitante, de algo extremamente rígido com regras a serem seguidas ou grandes limitações. Consistia em uma maneira de ensino para pessoas sem grandes privilégios de elite (Cevasco, 2003). O público, como já citado a partir de Cevasco (2003), se tratava de um conjunto de pessoas que muitas vezes não tinham acesso a grandes universidades ou menos ainda tinham grandes riquezas. Com isso, pensando a partir de uma visão elitista, poder-se-ia sugerir que seriam pessoas sem cultura ou sem valor social. Contudo, a ideia de pensar a diversidade cultural de maneira interdisciplinar vem justamente de enxergar a importância da cultura em diferentes tipos de vivências, incluindo essas que muitas vezes são invalidadas ou marginalizadas (Escosteguy, 1998). Dito de outra forma, os Estudos Culturais encaram a cultura como uma produção *tanto* de grupos economicamente favorecidos *quanto* de grupos considerados cujas produções são ignoradas ou chamadas de “inferiores” por um olhar elitista. O desafio dos Estudos Culturais é, portanto, investigar de que formas a cultura é um passo para compreender a formação da própria sociedade, retirando-a da esfera dos significados de uma herança da tradição a ser aprendida sem questionamentos.

Cevasco (2003) dá continuidade a esse argumento quando expressa a maneira de como os envolvidos nesse movimento relacionam o ensino com a vida dos seus respectivos alunos. Hall (2003), por exemplo, acreditava que esse momento de aprendizagem seria um local de grande enriquecimento intelectual por se tratar de pessoas que são consideradas como uma camada inferior da sociedade. Os pesquisadores desse projeto, como Williams (2015), acreditam justamente que a sociedade poderia se transformar a partir da reflexão e utilização de métodos que relacionassem suas experiências de trabalho e ciências reais com o ensino apreendido naqueles espaços (Cevasco, 2003). Longe de trazer uma cultura pronta para uma massa ignara (Williams, 2015), reforça-se o desejo de que a cultura seja lida como um

movimento de reprodução e produção de significados e valores da sociedade. Ou seja, é tarefa compreender como a cultura (aqui o podcast) traz movimentos de reprodução da sociedade (repetição de elementos de uma estrutura) e produção (questionamento desses mesmos elementos).

Até aqui foi possível compreender um pouco do parâmetro ao qual esses teóricos mencionados se pautavam perante as formas de ensino vivenciadas em seu cotidiano. Ou seja, o que eles buscavam era *não apenas* ir contra o apagamento das classes mais baixas, *mas sim* enxergá-los em um lugar de importância dentro da formação educacional e social. Aliás, não somente nos espaços físicos de ensino, mas os motivando a pensar de maneira crítica, o que contribuiria para torná-los agentes sociais de suas realidades. Seria por meio do ensino com uma base interdisciplinar, por exemplo, que seria possível repensar as bases da própria cultura.

Ao iniciar sua maneira de explicar esse campo e suas divergências de explicações para seu início, Cevasco (2003, p. 60) cita que “os estudos culturais se caracterizam pela polêmica e pela falta de direções consagradas: quase todas as definições ressaltam a dificuldade de se restringir a um aspecto definidor de um campo novo, ainda em expansão”. Dessa forma, é possível compreender o motivo pelo qual se pode denominar essa área enquanto um projeto, ou seja, algo que não está prontamente acabado, encerrado, sem expectativa de mudanças.

Em primeiro lugar, deve-se acentuar o fato de que os estudos culturais devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Do ponto de vista político, é sinônimo de “correção política”, podendo ser identificado como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Da perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade (Escosteguy, 1998, p. 88).

Em outras palavras, além de rejeitarem uma mera definição, os teóricos dos Estudos Culturais passam a tomar essa maneira de enxergar o ensino relacionado à política sem se autodesignar enquanto uma disciplina. Portanto, tomar esses estudos enquanto um projeto, na leitura de Hall (2003), é compreendê-los como algo sem um final ou uma conclusão demarcados, realçando o motivo pelo qual se trata de algo sem limitações conceituais. Com isso, compreendo os Estudos Culturais como um projeto que abarca diversas visões, variadas experiências, sem um final ou resultado preestabelecido.

É novamente Hall (2003) que explica muito bem sua concepção de projeto de Estudos Culturais. Ao indicar aspectos já mencionados como a transitoriedade das perspectivas de

estudo para se perceber as diferentes formas de existência e cultura, ele reafirma também mais uma vez o entendimento enquanto projeto, enquanto algo que tem muito mais a ver com um movimento de transformação e perturbação das estruturas sociais do que de conformação e permanência.

Em outras palavras, os Estudos Culturais dizem respeito a uma interseccionalidade entre muitas formas de se vivenciar, expressar ou explicar as suas experiências relacionadas à cultura de cada meio ou lugar ao qual se faz parte (Hall, 2003). Com isso, a própria concepção de cultura pode ser levada em conta de diversas formas. Um bom exemplo disso é a maneira como Ana Carolina Escosteguy (1998, p. 88) descreve o livro *Culture and Society*, de Raymond Williams, ao explicar que este livro “[...] constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a ‘cultura comum ou ordinária’ pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com qualquer outro”. Pontua, portanto, a importância de repensar a cultura tanto como *um modo de vida* quanto *a visão de obra artística*.

Escosteguy (1998) resume um dos aspectos mais significativos dentro da discussão que é aqui desenvolvida: a diferenciação de “cultura sem distinção” de uma “cultura com valor”, ou nos termos williamsianos, a “cultura da casa de chá” e a “cultura de boteco” (Williams, 2015). Portanto, trazer visibilidade e relevância a um tipo de cultura que muitas vezes pode ser vista como “pior”, “sem valor” ou “inferior” socialmente. Raymond Williams, um dos grandes nomes reconhecidos para tratar sobre esse tema, exemplifica um pouco da maneira como a cultura é enxergada por esse projeto, uma vez que levava em conta esse processo ou produto gerado pela cultura popular.

Discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa como simples instrumento de manipulação e controle de classe dirigente, os Estudos Culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia (Escosteguy, 1998, p. 7).

Ou seja, apesar de Hall (2003) não utilizar do termo “cultura de massa”, os Estudos Culturais enxergam os processos culturais aos quais muitas vezes são denominados assim, enquanto aspectos sociais relevantes para se compreender as relações sociais. Eles explicam que essa subcultura³ muitas vezes marginalizada, tem sua importância cultural em seu meio social. A partir disso, surge outro fator essencial a ser compreendido. Trata-se da importância

³ Aqui compreendemos “subcultura” não com o uso de “sub-” como prefixo de inferioridade, mas como “*subculture*”, oriundo do inglês, como uma proposta de cultura distinta da dominante.

da linguagem, algo que é de grande relevância para se atentar à maneira a qual este trabalho está direcionado. Hall (2003), afirma que devemos atentar às características e complexidades da política tendo a textualidade e linhagem enquanto campos que buscam entender a maneira como as ações são constituídas. Ou seja, mais do que necessariamente entender alguns aspectos políticos, é necessário também buscar compreender a maneira e o processo pelo qual aquilo foi propagado.

Isso leva a uma possibilidade de não analisar apenas o que foi dito, mas também a maneira como foi propagada e recebida por quem a ouve. Embora ao longo de algumas décadas, até por volta dos anos 1990 no contexto brasileiro, os Estudos Culturais eram vistos como um campo de pouca expressão política. Com isso, a impressão de se estar estudando algo inovador foi se dissipando se comparado ao seu trabalho do início dos anos 1950. O que ainda continuou foi essa maneira de se entender a cultura de gente comum, como traz Escosteguy (1998, p. 8), tendo cultura com o intuito de que ela “...inclua atividades e significados da gente comum, precisamente esses coletivos excluídos da participação na cultura quando é a definição elitista de cultura a que governa [...]”.

Quando se trata de cultura, por exemplo, os Estudos Culturais trazem uma forma de analisar como a sociedade se relaciona com os diferentes tipos de cultura:

O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas (Escosteguy, 1998, p. 6).

Nesse sentido, ter atenção às “estruturas sociais” e “o contexto histórico” traduz a metodologia dos Estudos Culturais: é necessário observar como a cultura não é apenas um adorno ou um enfeite social, mas sim um mecanismo de cristalização de significados e valores de uma sociedade, como afirma Cevasco (2013). Na visão da docente da USP, a cultura “concretiza relações sócio-históricas e o trabalho da crítica é examinar os modos como a arte descreve e interpreta essas relações” (Cevasco, 2013, p. 16).

Ao pensar a cultura como uma questão central e não apenas uma repetição do mesmo, Escosteguy (1998, p. 7) comenta que “em determinados momentos, a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica, em outros, reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas”. Este trecho se faz muito importante para nossa pesquisa pelo uso de discurso enquanto uma prática de reprodução dos meios hegemônicos, que podem ser, nesse caso, entendidos também como um meio heteronormativo – termo a ser debatido mais

adiante. Compreendendo que mesmo buscando se colocar contra o que se está dado e normalizado no mundo, ainda assim, em certos momentos, pode-se agir de acordo com o que a hegemonia anseia: esse eixo da tensão entre reprodução (*repetir o que herdamos*) e produção (*questionar o mundo e propor saídas*) será fundamental na análise da cultura neste trabalho.

O que fica evidente é o fato de que a cultura pode ter diferentes formas de se manifestar em uma determinada sociedade e de expressar suas principais características de convivência (Escosteguy, 1998). Com isso, o uso de podcast para a presente pesquisa busca utilizar desse meio de comunicação enquanto um espaço cultural de trocas sociais. Tomei o podcast como uma prática cultural, observando não somente o que está sendo propagado por seus criadores, mas percebendo também a expressão cultural que fica evidente ao relacionar o conteúdo contido em cada episódio a partir da relação com seus ouvintes. Uma vez compreendido que os Estudos Culturais convivem com tensões e mudanças, minha atenção agora será direcionada ao uso do podcast como fonte primária.

2.2 Podcast como Fonte: quando a voz e o silêncio falam na mesma intensidade

Seria possível considerar o podcast como cultura, especialmente nos dias atuais quando se tornou comum o seu consumo? Será que os podcasts oferecem uma oportunidade de reflexão de como a cultura, como modo de vida e produção artística, funciona com seus significados e valores? O uso de podcast como fonte pode ser, sem dúvidas, considerado uma forma de se ter acesso a diversos tipos de temáticas e discussões com diferentes abordagens, visto sua disseminação nos meios digitais. Assim, ler à luz dos Estudos Culturais a presença de podcasts nas relações sociais pode fornecer algumas “novas” perspectivas para se pensar algumas particularidades de diferentes tipos de cultura e como ela se relaciona e influencia e interfere com o meio social.

Muitas pessoas pensam o podcast como algo próximo ao rádio, isso, em grande medida, pode se dar, principalmente, pelo fato de que durante um episódio do seu podcast escolhido, não necessariamente precisa sentar e assistir ao que está sendo dito. Geralmente são atraentes ao seu público pela possibilidade de ouvir alguém falar sobre um determinado assunto enquanto faz suas atividades diárias. Mas como já foi dito, aqui a plataforma será levada em consideração, principalmente, pela sua capacidade de socialização entre culturas e debates.

Essa proximidade entre os ouvintes ou o que eles escolhem ouvir não se deu apenas com a chegada dos podcasts. O que essa nova plataforma tem em comum ao rádio é muito mais do que apenas se concentrar na voz de quem está falando durante o programa. Andréia Ferreira (2013) demonstra, a partir do surgimento e invenção do rádio, que suas primeiras transmissões muitas vezes envolviam eventos de verdadeiras movimentações entre as pessoas que estavam conectadas a diferentes programações, demonstrando o impacto dessa tecnologia em diferentes sociedades. Apesar dessa invenção estar rodeada por diversos nomes que pretendem se denominar inventores desse meio de comunicação, o que se torna relevante para a presente pesquisa é como essas interações entre os ouvintes e os seus programas de sua preferência podem dizer sobre o impacto dela na vida de cada um.

A escolha do podcast como fonte de pesquisa se dá por ser um meio online com grande capacidade de integração social, assim como o rádio, porém com uma determinada praticidade a qual muitos podem ter acesso. Nesse espaço, é possível tratar de diversos assuntos e serem ouvidos por diferentes grupos sociais baseados em suas buscas. “O podcast se transformou na cultura popular da internet, tornando-se uma das mídias mais acessadas pela juventude em razão da sua praticidade para fazer downloads de conteúdo, de músicas, e como ferramenta pedagógica” (Bezerra; Nascimento; Vargas, 2023, p. 308).

Meios de comunicação em plataformas digitais como episódios em podcast tem crescido muito durante os últimos anos (Janay, 2021). “A partir de uma origem fortemente tecnológica, o podcast teve um desenvolvimento voltado a facilitar sua produção e distribuição de conteúdos culturais e de entretenimento, tornando a difusão de informações mais democrática” (Luiz *et al.*, 2010, p. 1). Essa talvez seja uma das primeiras impressões que muitas pessoas podem ter diante dessa tecnologia. Porém, fica evidenciado no argumento de Denise Braga (2010), quando indica que parte dessa informação não condiz com a realidade vivenciada por muitas pessoas.

Seria então o podcast uma plataforma que expressa cultura? Por se tratar de uma forma de expressar suas vivências, o podcast vem sendo uma maneira muito importante para se ter um panorama sobre determinados assuntos. Além do fato de que o alto alcance, principalmente entre os jovens (Janay, 2021), pode levar discussões a lugares muito distintos. Segundo Braga (2010, p. 373), “[...] embora a Internet não garanta tal participação, ela propicia novos espaços para circulação social em práticas letradas diversas, inclusive aquelas de natureza hegemônica”. Esse trecho retrata o que está sendo expresso aqui, a busca por um rompimento da hegemonia advindo de mulheres lésbicas desfem falando de suas vivências e sendo ouvidas por diversas pessoas. Com isso, deve-se levar em conta o aumento significativo

de ouvintes de podcast para o aumento de alcance de determinados assuntos que nem sempre são tratados em outros espaços (Bezerra; Nascimento; Vargas, 2023).

Um contraponto dessa maior facilidade de acesso se dá justamente a partir desses assuntos que são compartilhados nesses episódios. A partir disso, da mesma forma que os podcasts analisados conseguiram tratar sobre assuntos extremamente relevantes e urgentes para o panorama brasileiro ao qual as locutoras vivenciam, esse meio também pode ser palco para discussões que acabam reforçando ideologias ou discursos de ódio na internet ou outros espaços sociais, uma vez que muitas dessas plataformas acabam aceitando diversos tipos de conteúdo.

Por existir essa “sensação” de escolha, diferente do rádio, o ouvinte nesse caso tem o poder de decidir o que deseja escutar e em qualquer momento que seja possível (Luiz *et al.*, 2010). Claro que essa escolha também pode ser avaliada, visto que dependerá dos episódios disponíveis para determinados assuntos de interesse. Pensando também quais deles chegam com maior ênfase ao conhecimento do ouvinte. Nesse caso, pode-se supor que muitas das pessoas que ouvem os podcasts referenciados aqui são parte ou estão inseridas em vivências as quais se identificam com as locutoras, uma vez que deram continuidade ouvindo sobre o que estava sendo tratado durante esses episódios. Com isso, elas passam a atribuir esse espaço virtual a um espaço de visibilidade e autoconhecimento que pode fortalecer esses aspectos sociais de conflito com os processos hegemônicos (Braga, 2010). Paula Janay (2018), inclusive, aborda esse tema da ligação entre a pessoa que produz o podcast e seu ouvinte, indicando uma relação de reconhecimento entre os interesses tratados.

Segundo pesquisa realizada pela ABPOD13, a maioria dos ouvintes acompanha de três a cinco podcasts com frequência. Mesmo com essa indicação, é comum que um dos discursos mais frequentes seja que existe um podcast específico para cada público, relacionando-os com suas identidades (Janay, 2018, p. 18).

Com isso, tendo o uso do podcast como fonte, é possível a análise não somente do que está sendo tratado em determinados podcasts, mas também a relação que se pode ter com seus ouvintes. Porém, no presente trabalho, o enfoque é principalmente nas principais falas proferidas em episódios selecionados. A partir desse panorama, é possível, mais uma vez, relacionar as plataformas digitais associadas a podcasts com a configuração de disseminação do rádio. Quando se diz que o programa ao qual o ouvinte escolheu ouvir, pode estar relacionado aos seus interesses, esta ideia está referente a praticidade com a qual se pode dar início ou finalizar um episódio, diferentemente do rádio onde em alguns casos, o ouvinte até

pode escolher a estação que prefere ouvir, mas isso não necessariamente diz respeito ao horário da programação. Nesse sentido, o que pretendo dizer é que o ouvinte deve seguir o horário de exibição a qual se segue a rádio e não fazer a sua própria programação, onde decide quando se inicia ou finda um episódio. Andréia Ferreira (2013) inclusive, ao demonstrar a história do rádio no Brasil, menciona os diversos temas dispostos para cada público. Sendo programações de esporte, humor, radionovelas, entre outros.

Dessa forma, com o aumento de podcasts disponíveis, é possível compreender que variáveis podem ser os temas abordados. Não somente quanto aos episódios dispostos em cada plataforma, mas também é significativo o número de ouvintes regulares de cada um deles. Segundo Marcelo Forlani (2024, online), “O Brasil é considerado o segundo país em consumo e criação de podcasts no mundo no Spotify. Somente em janeiro de 2023, o país registrou um aumento de 36% na produção de podcasts”. Durante essa matéria, Marcelo demonstra o quanto a plataforma está presente cotidianamente na vida de muitos brasileiros, relacionando suas respectivas experiências vivenciadas como ouvintes, trocas sociais e fazendo parte de sua cultura.

A pesquisa, divulgada em abril, indica que 42,9% dos brasileiros com acesso à internet, na faixa etária de 16 a 64 anos, escutam podcasts semanalmente[...], estimativas recentes do Ibope, referente ao início de 2023, apontam que aproximadamente 8% da população total do Brasil, o que corresponde a mais de 34 milhões de pessoas, são ouvintes regulares de podcasts (Lopes, 2023, online).

Sobre esses assuntos, poderiam haver pesquisas a serem feitas a partir de cada temática, indicando a possibilidade de assuntos que podcasts tratam nos dias atuais. No caso do gênero e sexualidade, deve-se atentar para as formas como estão sendo tratados e o olhar ao qual se pode ter diante daquela plataforma. Dois textos recentes que ilustram a questão são “Gênero e sexualidade de jovens com TEA: uma breve análise a partir do podcast *Introvertendo*”, de Nascimento, Vargas e Bezerra (2023), e “*Um Milkshake Chamado Wanda*: o podcast e a discussão de gênero no jornalismo de cultura pop”, de Mendonça e Gonzatti (2020). Ambos pensam o podcast enquanto um local de sociabilidade, mesmo que virtual, no qual o episódio pode se tornar capaz de retratar a vivência daquelas pessoas envolvidas, relacionadas a questões que são debatidas, como uma maneira de expressão, trazendo um sentido que exemplifica trocas culturais compartilhadas entre eles, expressando seus valores de vida e autorreconhecimento. Espaços esses, onde, inclusive, pode ser palco para discussões e debates que podem chegar ao ouvinte de diferentes formas, onde ele leva essas discussões em consideração e análise do seu próprio cotidiano.

A diferenciação ao tratar sobre essa temática se dá pelo olhar ao qual se tem diante do que está sendo analisado. Um exemplo disso é o texto já citado sobre o podcast *Introvertendo*, composto por pessoas com TEA⁴ no qual as autoras realizaram uma seleção de episódios do referido podcast e analisaram algumas falas contidas. De forma que, a ausência de problematização de algumas falas feitas pelos participantes não ocorre de maneira tão evidente, diferente do olhar que busco trazer para os podcast analisados. As autoras trazem esses episódios enquanto uma compreensão de práticas sociais de pessoas com autismo, levando muito em conta uma relação de importância de haver esse espaço para que eles falam sobre suas próprias vivências e características próprias (Bezerra; Nascimento; Vargas, 2023, p. 309). Partindo disso, o texto tenta muito mais demonstrar uma representatividade em tratar da importância de se ter esse tipo de debate entre pessoas com autismo, mas acaba não se atentando a momentos em que as falas analisadas poderiam ser problematizadas, pois podem reforçar pensamentos sexistas.

De fato, abordar essa temática é algo muito relevante para sua visibilidade e socialização, como é citado pelas autoras. No entanto, algumas falas não são analisadas sob um ponto de vista que busca problematizar o que está sendo tratado, mas sim apenas evidenciar a importância da existência desse podcast, mesmo que em alguns momentos ele acabe sendo um espaço onde falas proferidas são problemáticas. Ou pelo menos, seriam, a partir de uma pessoa neurotípica, mas pelo fato de as autoras enxergarem muito mais sob um olhar de representatividade, acabam não colocando em evidência essas ideias, invisibilizando esse debate.

Algo semelhante ocorre no texto de Christian Gonzatti e Felipe Viero K. M. Mendonça (2020) que analisa o podcast *Um milkshake chamado Wanda*. Embora os autores ressaltam muitas vezes a importância em existir um local onde questões de gênero e sexualidade são debatidas, a análise é feita a partir da relação que os locutores têm com as pessoas que os acompanham, interações em redes sociais e análises dos temas tratados em diferentes episódios. “[...] Um Milkshake Chamado Wanda utiliza, continuamente, uma linguagem próxima da população LGBTQ, acionando expressões e memes que fazem parte do cotidiano de sua audiência e que dizem, também, de identidades de gênero/orientações sexuais dissidentes” (Gonzatti; Mendonça, 2020, p. 170). Ou seja, mais uma vez a importância da representatividade foi colocada em pauta a ser discutida, sem um olhar crítico diante de falas ou assuntos tratados durante alguns episódios.

⁴ TEA - Transtorno do Espectro Autista.

Compreender a maneira como alguns podcasts que discutem gênero e sexualidade estão sendo produzidos ajuda a perceber não somente os principais temas evidenciados em cada episódio, mas também as trocas sociais que podem ocorrer entre os assuntos tratados e vivências próprias de seus ouvintes. Lopes (2023, online) ressalta que “[a] interação entre ouvintes e criadores é um aspecto destacado. Segundo a pesquisa, 73% dos ouvintes expressam interesse em mais oportunidades de interação com seus podcasts favoritos”. Isso demonstra como, apesar de se tratar de uma plataforma digital, o podcast ainda é capaz de manter uma interação entre os envolvidos.

Partindo desse princípio, o uso de podcast se mostra muito relevante dentro do campo da História por se tratarem de novos tipos de fontes que podem abrir caminho para novas pesquisas. José D'Assunção Barros (2019, p. 2-3) inclusive, propõe o uso de novas fontes em meios digitais pois “[...] devem ser vistos como possuidores da mesma qualidade de fontes que os tradicionais documentos registrados no suporte de papel”. Indicando, dessa forma, que o uso dessas fontes podem ser enriquecedoras quando utilizado métodos de maneira satisfatória.

A partir das ideias de Adorno e Horkheimer (2009) acerca da industrialização da Cultura, questiono, portanto, se o podcast seria um produto industrial. Caso seja pensado em sua forma de propagação, que se utiliza dos meios de comunicação, é possível compreender seu espaço contido no sistema de *reprodução* capitalista. A questão se dá pelo fato de que, apesar de saber seu papel dentro de um sistema e todas as abordagens que isso implica, não significa que o podcast se define apenas por isso. Não é porque esse espaço foi tomado pela mecanização que ele também não tem seu valor cultural dentro de uma sociedade. Ou seja, não é por fazer parte do sistema de repetição de uma massificação cultural que oportunidades de produção de novos significados e valores se perdem (Williams, 2015). Jack Halberstam (2020), por exemplo, traz uma visão menos pessimista diante de objetos de pesquisa que não são considerados “sérios” no meio acadêmico. Analisando desenhos animados, ou obras visuais consideradas com um teor inferior se comparado a outros objetos analisados em muitas pesquisas, ele se mostra favorável ao uso da cultura de forma mais ampla (Halberstam 2020).

Com isso, foi possível perceber de que formas a cultura pode ser percebida e vivenciada por diferentes concepções. Neste caso, apesar de muitos ainda não levarem o uso de podcast enquanto algo relevante, o uso dos Estudos Culturais permite pensar esse meio de comunicação relacionado às suas trocas sociais que levam em conta uma determinada socialização entre os temas abordados e sua audiência.

3 SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE : DISCUSSÕES TEÓRICAS E TROCAS DE EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

A cena começa assim: duas mães, que não se conhecem, levam seus filhos para passear no parque em uma manhã de domingo. A filha de Marina se chama Júlia, de três anos, e o filho de Beatriz se chama João, com a mesma idade. Em um momento de descontração as duas crianças acabam se encontrando e brincando juntas. As mães, acabam se aproximando das crianças e iniciam uma interação amigável. Acontecem conversas relacionadas às crianças, ao clima, ao parque e à creche. Em um dado momento, Marina observa que as crianças estão se dando muito bem juntas, brincando e interagindo muito. Então, “subitamente”, faz uma fala que ressalta o quanto eles se deram bem. Nesse momento, Beatriz concorda e diz que eles ainda podem se tornar namorados quando crescerem. As duas riem juntas, pois sabem que tudo não passa de brincadeira. Porém, o assunto traz à tona o desabafo sobre uma preocupação futura: “imagina quando Júlia levar em casa o seu primeiro namoradinho? O pai dela não gosta nem de imaginar”. “E quando João crescer? Se esse menino puxar ao tio... Prefiro nem pensar.”

A conversa ficcional, aparentemente ingênua, inscrita aqui está carregada de muitas expectativas futuras sobre a vida de duas crianças. As duas mães conversam sobre assuntos que muitas outras pensam e falam. A preocupação de quando seu bebê finalmente crescer, se tornar independente, o que muitas vezes também está vinculado ao início de sua vida amorosa. O fato delas já terem a certeza de que seus filhos irão ter relacionamentos pode muitas vezes ser lido enquanto algo natural, pois se trata de algo que não é incomum de se perceber em muitas pessoas quando passam a se relacionar na vida adulta.

Esse pequeno diálogo, que muitas vezes pode acabar passando despercebido, vem carregado de muitas idealizações causadas por um sistema de repetição com a naturalização das relações heterossexuais. Como alguém pode pensar que uma determinada criança crescerá e se relacionará com determinado gênero? Ou seja, como a mãe de Júlia consegue falar com tanta certeza e naturalidade que a sua filha um dia irá trazer “um namoradinho” para sua casa? Como ela pode ter tanta certeza sobre a sexualidade de sua filha com apenas três anos de idade? Como isso é possível sem nunca ao menos ter considerado que talvez Júlia, quando adulta, não queira namorar meninos? Talvez um dia Marina até perceba que Júlia não se reconhece enquanto uma menina. Um dia Marina pode se surpreender ao perceber que não é mãe de uma menina. A mesma discussão valeria para Beatriz. Como ela sabe que seu filho

realmente irá gostar de meninas? Ou se ele realmente se reconhece com o gênero ao qual foi imposto a ele ao nascer?

Como foi possível perceber, muitos são os questionamentos que podem surgir a partir das suposições feitas a partir do diálogo das duas mães. Aliás, muitos outros ainda poderiam ser feitos, principalmente a vivência ou não de relacionamentos, entre outros. Porém, apenas as questões de gênero e sexualidade já são um início essencial para compreender algumas das ideias que estão dispostas ao longo desta seção. Nesse caso, compreendendo tanto sobre a construção de ideias sobre gênero na sociedade, como a naturalização da heterossexualidade. Com isso, esta seção analisa diálogos selecionados dos podcasts escolhidos para discutir conceitos como: heteronormatividade, binaridade, heterossexualidade compulsória até chegar ao conceito de desfeminilidade durante as subseções que se seguem. Dessa forma, a discussão teórica e termos explicitados estão dispostos de maneira discursiva enquanto se atrela ao debate às respectivas falas abordadas durante os episódios.

3.1 O Podcast Enquanto um Espaço de Socialização de Experiências para Lésbicas Desfem

Para contextualizar um pouco sobre cada podcast selecionado, trago alguns comentários gerais: o podcast *Lésbica e ansiosa*, dirigido por Elayne Baeta, conta com 16 episódios, sendo o primeiro, lançado em março de 2020, e trata, principalmente, de suas experiências que estão relacionadas a sua lesbianidade. Baeta atualmente mora no Rio de Janeiro, mas nasceu na Bahia. Autora dos livros *O amor não é óbvio*, *Oxe, baby*, *Coisas óbvias sobre o amor* e coautora no livro *Finalmente 15*, a escritora conta com inúmeros seguidores em suas redes sociais e o número de fãs em eventos demonstra a sua grande representatividade para a comunidade lésbica no Brasil, principalmente entre o público jovem. Os episódios de Baeta geralmente se iniciam com um efeito sonoro que remete a uma fita cassete, estética utilizada também nas capas com ilustrações que relacionam esse estilo com a temática referente a cada episódio.

Tesoureiras podcast, o segundo podcast, é dirigido por Isabella Kayath e conta com 19 episódios na plataforma *Spotify*. Os episódios, em comum aos outros podcasts também analisados, tratam sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade, especificamente ao mundo da lesbianidade e de experiências vividas por cada convidada e apresentadora. Tal como descrito na descrição do podcast, os episódios pretendem formar uma comunidade ao tratar sobre assuntos referentes a vivências LGTBQIAPN+. Além das convidadas, muitos

episódios também contam com a participação dos seus ouvintes a partir de perguntas e desabafos enviados por e-mail. O episódio analisado conta com a participação de Luísa Assaf, conhecida principalmente por tratar de assuntos relacionados a lesbianidade desfem em suas redes sociais como o TikTok e Instagram. Assaf sempre aborda em suas redes, experiências próprias e reflexões para que seus seguidores possam refletir sobre os assuntos abordados em seus vídeos e postagens.

Sapajusta, terceiro e último podcast, é apresentado por Letícia Martins e conta com 88 episódios, sempre iniciando com o bordão “Sempre sapa, mas nem sempre justa”: a palavra “sapa” remete ao termo sapatão, muito utilizado para se referir a mulheres lésbicas no Brasil. Por muito tempo esse termo foi visto apenas enquanto algo pejorativo e ainda muitas a consideram dessa forma. Porém, ao longo dos anos, muitas mulheres lésbicas ressignificaram o termo para um sentido de orgulho, buscando mudar esse sentido negativo da palavra. O podcast em questão, criado em 2020, por Letícia Martins, sempre busca em seus episódios, levar convidadas para um bate-papo descontraído sobre algum tema importante relacionado ao gênero e sexualidade referentes às pessoas que foram convidadas a participar. Durante o episódio analisado, duas convidadas levam suas experiências enquanto lésbicas desfem para um debate e discussão muito interessante. A convidada Rafa Xalinska, é reconhecida na internet por seus vídeos em plataformas como Youtube, TikTok e Instagram onde ela aborda diversos assuntos relacionados às suas vivências e assuntos que julga ser importante tratar nesses espaços de grande visibilidade. Já a convidada Ana Clara é uma artista visual que aborda em suas obras relações entre mulheres com a intenção de expressar maior visibilidade para a arte lésbica em busca de uma representatividade.

Quadro 1 – Informações sobre podcasts selecionados

Podcasts	<i>Lésbica & Ansiosa</i>	<i>Tesoureiras Podcast</i>	<i>SapaJusta</i>
Título do episódio analisado	“Teoria do buquê hipotético”	“Como é ser uma lésbica desfem? feat Luísa Assaf”	“Desconstruindo estereótipos de Lésbicas desfem-com Xllinska @Xalinska e Ana Clara @anaclaram”
Duração	1h22min	51 min	54 min
Participantes	Elayne Baeta	Luísa Assaf Isabella Kayath	Ana Clara Rafa Xalinska Letícia Martins

Data de publicação	29 de novembro de 2023	28 de agosto de 2023	20 de março de 2023
---------------------------	------------------------	----------------------	---------------------

Fonte: Produção da autora.

As falas analisadas são pautadas em assuntos referentes às experiências relacionadas à lesbianidade, trazendo tanto vivências próprias das locutoras quanto de suas convidadas. Muitas vezes o diálogo flui como uma conversa descontraída, sem uma estrutura rígida como geralmente acontece em muitas entrevistas. Nos trechos analisados é perceptível uma interação recíproca entre os assuntos abordados, já que todos estão atrelados a experiências próprias que conectam-se em um ponto central: a lesbianidade desfeminizada e como essa performatividade interfere nas suas experiências. Dessa forma, muitas pautas levantadas durante os episódios trazem a desfeminilidade como principal fator de influência das situações comentadas. Portanto, esse foi o principal critério utilizado durante a seleção de episódios, lidando apenas com a realidade atrelada às experiências específicas de mulheres lésbicas desfem.

Ouvindo os episódios analisados, a partir de um olhar mais atento à linguagem escolhida por cada participante durante os episódios, foi possível perceber alguns fatores interessantes que remetem ao debate sobre gênero que antecedeu esta seção. Obviamente, as falas feitas por cada uma estão referentes às suas próprias experiências. Porém, à medida que o debate avança, em todos os três episódios selecionados, foi observado algumas escolhas de palavras ou expressões que remetem a uma herança heteronormativa. Isso implica dizer, portanto, que essas falas ou ações, a partir de suas repetições, podem acabar sendo compartilhadas por diversas gerações. Ou seja, mesmo que elas estejam em busca de uma nova maneira de serem enxergadas em uma sociedade que continuamente as violentam de alguma maneira, acabam, em alguns momentos, se utilizando de exemplos, comparações ou regras que remetem a uma heteronormatividade carregada de binarismos. O que demonstra de que forma essa herança heteronormativa pode agir, relacionando que tanto as autoras quanto as pessoas que estão lhe ouvindo estão inseridas nesse sistema. Por conta disso, algumas falas analisadas durante esta seção demonstram alguns exemplos disso.

Aliás, como seria possível, portanto, explicar algo totalmente novo sem que para isso se utilize os parâmetros daquilo que já se tem conhecimento? A experiência, na visão de Raymond Williams (2003), indica de que forma o passado pode interferir nas experiências do presente, ou seja, de que forma as vivências de cada uma pode interferir na maneira como se

relacionam ou enxergam determinadas pautas e discussões para variados assuntos. Para explicar melhor, posso propor aqui um exemplo: se fosse proposta uma nova forma geométrica nunca vista antes, qual seria a melhor forma de explicá-la para alguém que ainda não a viu? Provavelmente seriam utilizados termos como “tem um ângulo de aproximadamente 30 graus”, “algumas laterais são arredondadas”. Ou seja, até para inventar algo totalmente novo, precisaríamos do antigo para que fosse possível explicá-lo.

É evidente que não há como idealizar uma total desconexão do sistema sexo-gênero, mas a verdade é que, como resultado das pressões por marginalização, a subcultura LGBTI+ acaba se erigindo como um contraponto às referências mais tradicionais da cultura heterocissexista (Quinalha, 2022, p. 15).

Assim também, foi perceptível em alguns momentos durante a análise, principalmente as falas levantadas por Xalinska e Luísa, que, ao buscar criticar e desconstruir determinados pensamentos pautados na heteronormatividade, as participantes dos episódios selecionados acabam se utilizando de expressões que reforçam alguns desses ideais. Isso pode ocorrer pelo fato de estarem inseridas em um meio em que essa seja a única linguagem possível de ser compreendida. O que quero dizer é que pode ser difícil explicar sobre uma existência pautada na fuga das normas heterossexuais se esse é exatamente o sistema vigente. Muitos de seus ouvintes podem estar inseridos nesse meio desde seu nascimento até suas presentes interações sociais, por isso sua linguagem, apesar de buscar uma fuga da heteronormatividade, ainda precisa dela como parâmetro para se distanciar desse senso comum (Quinalha, 2022).

Para ensinar um idioma novo a alguém, por exemplo, seria preciso primeiramente entender um pouco da língua que a outra pessoa fala. Portanto, se o idioma vigente é a heteronormatividade, uma língua pautada em termos LGBTQIAPN+ precisaria também passar por ela para ser explicada. Pode parecer um pouco difícil falar sobre um tema novo onde muitos não compreendem o que quer dizer e já chegar quebrando padrões pode não ser sempre a melhor abordagem quando se tem a intenção de falar sobre experiências que são só suas ou de uma comunidade que não tem tanta visibilidade em outros meios. A partir disso, Salih (2012, p. 64), faz a seguinte análise das ideias de Butler sobre gênero e suas performances: “é impossível alguém existir como um agente social fora dos termos do gênero”.

Quando uma mulher diz que não é um homem e não quer ser lida como um homem pela sociedade, automaticamente ela está levando em conta uma realidade binária e heterossexual, pois muitas vezes esses exemplos são pautados na ideia de um homem cisgênero. Então, para

romper com a performance preestabelecida de gênero feminino, essas mulheres estão rompendo *também* com algumas ideias, reinventando novas formas de existir e serem vistas, mas também tomando como referência o sistema ao qual criticam.

3.2 Sexo e Gênero: conceitualização e função social na construção de estruturas

Para se compreender os conceitos utilizados nesta seção, o uso das três esferas de definição de sexo por Elsa Dorlin é interessante para se designar os parâmetros dos debates levantados aqui. A intenção de tratar sobre essas três definições não se dá a partir do propósito de relacionar todos eles, como uma espécie de causalidade. Muito pelo contrário, a ideia de trazer essas três definições é justamente para conceber um panorama das concepções que são usualmente relacionadas a este conceito. Durante as análises, são utilizadas algumas ideias de Judith Butler (2019), que se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade coexistem numa relação necessariamente mútua, como se uma estivesse diretamente ligada a outra. Desse modo, seu pensamento não segue a linha de que, se por exemplo, alguém é “biologicamente” fêmea, deve-se esperar que exiba traços “femininos” e (num mundo heteronormativo, isto é, em um mundo o qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens (Salih, 2021).

Sexo, em geral, designa três coisas: o sexo biológico, tal como atribuído no nascimento – macho ou fêmea –, o papel ou o comportamento sexual que supostamente corresponde ao sexo biológico; o gênero, provisoriamente definido como os atributos femininos e masculinos – e que as diversas formas de socialização e educação dos indivíduos produzem e reproduzem; e, por fim, a sexualidade, isto é, o fato de ter uma sexualidade, de “ter” ou “fazer” sexo (Dorlin, 2021, p. 4).

Para dar continuidade à discussão, é essencial a definição do conceito de gênero. Existem muitas definições desse conceito por diferentes autoras e inicialmente, será levado em conta a sua definição a partir das autoras Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015, p. 47). Segundo as autoras, gênero seria “[a]cima de tudo, [...] uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam”. Ou seja, “[d]e maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse ‘lidar’ para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo” (Connell; Pearse, 2015, p. 47). Em outras palavras, ainda segundo as autoras, gênero é algo construído socialmente. Isso implica dizer que ser homem ou mulher não deve ser tratado como algo “natural”, mas sim como um produto ou um efeito de diversas interações sociais que

formulam e codificam o gênero imposto desde o seu nascimento onde o indivíduo deve seguir aquela norma que foi instituída (Louro, 2018). Por conta dessas percepções e divisões, o gênero está tão internalizado na vivência de muitas pessoas, uma vez que suas diferentes maneiras de ser expresso está sujeito a ser ativamente regulado.

Com isso, os estudos de gênero e sexualidade têm auxiliado para o desprendimento de compreensão de gênero premeditado pelo sexo ao nascer. Não existiriam mais traços a serem seguidos, destinos a serem seguidos sem mudanças (Quinalha, 2022). Porém, ainda que esses debates ajudem a nortear novas discussões e visões perante a sociedade e sua cultura, compreender gênero é perceber de que forma muitas estruturas foram construídas e ainda permanecem de pé.

Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um “corpo que importa”, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura (Butler apud Louro, 2018, p. 5).

A partir desse trecho, é possível surgir diversos questionamentos sobre como o gênero pode ser socialmente construído. Retomando a analogia inscrita no início desta seção, seria possível imaginar mais algumas situações que são muitas vezes atreladas aos costumes sociais, resultando em um senso comum muito presente na vida de muitas pessoas. Mariana, por exemplo, ao verificar que seria mãe de uma menina provavelmente já planejou todo o enxoval em cores, tipos de decoração e roupas consideradas femininas. O guarda-roupa de Júlia provavelmente será repleto de vestidos, roupas em tons de rosa e personagens femininos. Os brinquedos entregues a ela podem ser bonecas, panelas de brinquedo e entre outros. João, diferente disso, poderá ter um guarda-roupas repleto de roupas em tons de azul e personagens masculinos, seus brinquedos podem incluir carros de brinquedo e bola. Dessa forma, “[...] tomamos o gênero como algo dado. Reconhecemos uma pessoa como homem ou mulher, menino ou menina, instantaneamente. Organizamos nossos afazeres em torno dessa distinção” (Connell; Pearse, 2015, p. 36).

As características e diferenças de vivências, exemplificadas aqui, estão relacionadas a uma construção de gênero. Ou seja, muitas crianças crescem assim, em um ambiente onde interagem com muitos estímulos que lhe dizem em que lugar social estão inseridos e o que devem seguir. Esse modelo ensinado muitas vezes está relacionado à maneira como a heteronormatividade está presente em pequenos hábitos que delimitam ações para cada gênero

em uma organização social (Quinalha, 2022). Dentro desses sistemas, a menina deve ser feminina e o menino, masculino e ambos desejando o sexo oposto. Com isso, Butler (2019, p. 15) “[...] expõe a ideia de performatividade de gênero, ou seja, a ideia de que o gênero não é algo que nós *somos*, mas sim algo que constantemente *fazemos*, colocando o gênero diretamente em relação a determinadas *temporalidades sociais*”.

Dessa forma, *ser* homem ou mulher não está diretamente ligada ao seu nascimento, a partir das definições que dividem as pessoas em dois sexos, mas existe, sim, um *fazer-se* homem ou mulher a partir de visões e experiências sociais e culturais. Assim, ao encarar essa fabricação do gênero e como ele é constituído socialmente, se torna mais evidente perceber que ele realmente não é tão natural quanto muitas pessoas pensam ser, principalmente quando se trata de um sistema socialmente construído a partir de práticas heteronormativas que demanda determinada repetição para a sua permanência (Butler, 2019).

Aliás, esse *ser* mulher ou homem está referente a uma ideia binária dos gêneros, o que implica à validação de apenas dois gêneros para se constituir uma existência (Quinalha, 2022). Dessa forma, existem apenas dois caminhos possíveis onde uma pessoa poderá apreender-se com sua própria experiência: “Sob essa visão, o gênero seria sempre e invariavelmente binário, dividindo a espécie humana em homens e mulheres a partir de dados supostamente invariáveis atribuídos à natureza – cromossomos, anatomia do corpo, órgãos sexuais e reprodutivos etc” (Quinalha, 2022, p. 17). Dessa maneira, como já foi dito, o nascimento teria o poder de instituir um fator invariável para toda a existência de uma pessoa somente a partir de informações fenotípicas. O nascimento denominaria assim, apenas duas maneiras possíveis de *ser* (Louro, 2018), mas esse duplo “simplista” não é tudo o que alguém pode ser.

“Você é presenteada com panelinha e bebê, cozinha de brinquedo e casinha de brinquedo, porque você é esposa e existe um marido pra isso” (Lésbica, 11, 3:28-3:50). Esse trecho retirado do podcast de Elayne Baeta retrata muito bem essa situação. A ideia de que uma menina deve receber determinados brinquedos que a familiariza com hábitos comumente vistos, a partir do senso comum, como lugares a serem ocupados por mulheres, algo feminino o qual se deve praticar. Isto indica que deve-se aprender desde cedo sobre como cuidar de casa por ser algo a ser exercido por ela, especialmente, em uma relação heterossexual. Esses hábitos – ou “arranjos de gênero” (Connel; Pearse, 2015) – não estão associados somente a afazeres de casa como também a ser uma boa mãe e cuidadora, exercendo assim o papel que se espera que uma mulher exerça socialmente (Connel; Pearse, 2015). Desde criança, todos esses hábitos são constituídos por uma razão, que essa criança cresça percebendo que o

comum é seguir essas normas, percebendo o quanto isso é natural já que esteve presente em suas vivências desde o seu nascimento (Connell; Pearse, 2015, p. 37).

O hábito de definir alguém a partir do seu nascimento, instituindo sua sexualidade a partir da caracterização do seu gênero ao nascer advém de um pensamento heteronormativo. Ou seja, como já se indica a etimologia da palavra, a heteronormatividade diz respeito à norma na qual a heterossexualidade é vigente, uma lei a ser aprendida e seguida. Dessa maneira, é possível observar de que maneira a heterossexualidade está presente em diversas formas e experiências vivenciadas por diferentes pessoas. O fato de existir uma norma a ser seguida já indica o pensamento de que aquelas pessoas que não a seguem estariam a rompendo, dessa forma estariam desvirtuando um sistema constitutivamente consolidado como um padrão a ser seguido (Colling; Nogueira, 2019).

[...] na heteronormatividade todos os sujeitos devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, tenham eles práticas sexuais heterossexuais ou não. Com isso entendemos que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza a vida das pessoas (Colling; Nogueira, 2019, p. 394).

A palavra “modelo” inscrita na definição de heteronormatividade se faz uma palavra imprescindível para as análises feitas durante a pesquisa. O fato de a heterossexualidade ser imposta como algo a ser vivenciado e naturalizado enquanto uma sexualidade que envolve atração, já se faz possível perceber uma determinada imposição daquilo que deve ser desejado. Porém, quando Leandro Colling e Gilmaro Nogueira (2019) falam de heterossexualidade enquanto um modelo a ser seguido, independente da sexualidade, estão falando de algo que está muito além da sexualidade propriamente dita: eles se referem a todas as condições e padronizações existentes para se constituir relações.

Em outras palavras, a heteronormatividade, como uma espécie de cartilha, tem a intenção de ditar como alguém deve se portar em sociedade. Essas regras a serem seguidas podem ser tanto em uma escala privada quanto pública. Isso significa que em público, a performatividade de gênero deve estar diretamente ligada ao seu gênero definido após o seu nascimento, a sua sexualidade, caso fuja da norma, deve ser encoberta o máximo possível. Além disso, em uma perspectiva privada, as relações também devem se constituir assim. Dentro de uma relação amorosa ou sexual, por exemplo, devem existir papéis a serem seguidos, geralmente divididos entre o que deve ser exercido por um papel feminino e um papel masculino (Colling; Nogueira, 2019). Essas relações em que existem papéis a serem

seguidos podem ocorrer até mesmo em relações não heterossexuais, que inclusive é algo vivenciado por muitas mulheres lésbicas desfem durante os episódios analisados.

Se a gente é ensinada a desejar a heterossexualidade, o que acontece quando a gente deseja meninas, na verdade? Você acha que você rompeu com a heteronormatividade só porque você gosta de menina? Você acha que ela não está mais, ela não influencia em mais nenhum aspecto da sua vida. Não é assim que a banda toca, não é assim que as coisas funcionam (Lésbica, 2023, 5:30- 6:00).

Esse trecho de Elayne Baeta exemplifica, de forma simples, o quanto a heterossexualidade que a rodeia conseguiu influenciar na maneira como lidou com suas relações e experiências. A linguagem utilizada por ela remete a uma ideia de cunho político ao tentar mobilizar o ouvinte a compreender de que forma esse sistema as violenta de maneira contínua, mesmo quando julgam já estar distante dessa vivência heteronormativo. Baeta cita o fato dessa heterossexualidade ser “ensinada”, ou seja, os diversos artifícios que foram mobilizados ao longo de sua vida para que a sua sexualidade fosse moldada de acordo com os padrões normativos. Dessa forma, o que ela indica é que a heteronormatividade ainda pode a influenciar, mesmo não fazendo parte de uma relação como essa.

Se eu tô [...] andando com uma mina patricinha na rua? Nossa, passa por um casal hétero bem de boa, [...] eu posso dizer que eu tenho o “privilégio” (entre aspas). Cara, nenhum homem nunca chegou na gente pra falar merda, ninguém nunca falou. Eu nunca fui abordada, eu nunca passei tipo, nunca passei nenhuma situação desconfortável. É... porque sempre as pessoas já liam como um homem e uma mulher (Sapajusta, 2023, 25:20- 25:50).

Nesse trecho do episódio “Desconstruindo estereótipos de lésbica desfem”, três mulheres comentam sobre as suas vivências acerca de cada tema abordado durante o debate. Criticam, principalmente, como muitas vezes uma mulher desfeminizada é tratada como um homem pela sua performatividade de gênero. No trecho em questão, uma das convidadas, conhecida nas redes sociais como Xalinska, tratando de sua experiência, cita sobre o “privilégio” em ser lida como um homem por estar ao lado de uma mulher feminina. Apesar de sua fala ser seguida de um “entre aspas”, não deixa de ter uma interpretação significativa. Nota-se, portanto, quão violenta a heteronormatividade pode ser a ponto de uma mulher desfem, que está criticando esse sistema em outros momento desse mesmo episódio, dizer que é um “privilégio” ser lida enquanto um homem em determinada situação.

Ao dizer que pode se passar por um casal hétero, indicando que a sua parceira é feminina, acaba reforçando a ideia de que em um casal heteronormativo, deve existir a figura

de um homem e de uma mulher. Nesse caso, se ela está ao lado de uma mulher feminina, sendo ela desfem, logo, ela deverá desempenhar o papel de um homem. Ao ficar confortável por desempenhar uma figura masculina, está normalizando que essa invisibilização identitária aconteça e encarando esse sistema como uma maneira de sobrevivência que lhe cause menos rejeição social (Connell; Pearse, 2015). A crítica não se faz apenas a partir da escolha da autora dessas falas, mas, principalmente, a partir de uma normalização organizacional que leva a heteronormatividade a um local de conforto por parte da aceitação social, pois muitas vezes é tratado como natural. Aqueles que não ocupam esse lugar de privilégio podem acabar buscando maneiras para se adaptarem a esses espaços heteronormativos (Rich, 2010).

Nesse sentido, a experiência de Xalinska demonstra que, ao passo em que sua performatividade lhe impede de ser agredida fisicamente e verbalmente, por ser lida fazendo parte de um casal heterossexual por ser semelhante a um homem, não a protege de uma violência silenciosa, o seu apagamento. Com isso, a luta por ser vista socialmente enquanto uma mulher, à sua maneira desfememinizada, acaba sendo uma crítica social do sistema de gênero. Ao que parece, restam apenas duas alternativas para a existência sendo uma mulher lésbica desfem em um sistema heteronormativo: *ou* elas são invalidadas por sua performatividade e acabam sendo lidas enquanto um homem, *ou* estarão passíveis de serem violentadas por serem ou fazerem parte de um casal visivelmente lésbico. A partir desse exemplo, Xalinska demonstra que a violência contra ela pode ocorrer dessas duas formas, mas como a segunda opção é uma violência “silenciosa”, ela acaba vivenciando esse apagamento em alguns momentos para evitar uma situação que seja difícil de ser resolvida. O que se torna intrigante é que a primeira situação, apesar de as cobrir em algum nível, também não as isenta de serem vítimas de determinadas violências em algumas determinadas interações sociais.

Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência [...] são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (Butler, 2018 [1990], p. 43-44).

O que Butler demonstra ao utilizar o termo inteligível, está se referindo a algo que socialmente faz sentido. Desse modo, se a heterossexualidade é a norma, logo o que faz sentido são as relações heterossexuais. Ou, mais do que heterossexuais, relações que acima de tudo seguem um padrão heteronormativo de se relacionar. Esse padrão institui como o homem ideal deveria se comportar em público, sobre sua masculinidade, desde a maneira como se

senta até o tom de voz. A mulher, da mesma forma, deverá seguir o regimento que institui as roupas que deve vestir até as palavras que deve ou não usar para que assim “faça sentido”. Onde o fazer sentido só é possível de se concretizar por existir algo normalizado como natural.

“Às vezes pra elas, nessa lógica invertida, é mais fácil ver um homem gay usando maquiagem do que uma mulher desfem usando maquiagem.” (Tesoureiras, 2023, 6:35- 6:50). Nesse trecho falado por Letícia Kayath, no episódio “Como é ser uma lésbica Desfem?” do podcast *Tesoureiras Podcast*, está proposto uma nova maneira de se compreender de que forma a performatividade de gênero interfere na percepção de alguém, relacionado também às questões de sua sexualidade. Há, assim, uma relação a partir do que é esperado para a mulher e sua feminilidade e para o homem e sua masculinidade respectivamente (Dorlin, 2021). Kayath propõe uma análise que indica uma certa inversão de papéis pautadas na sexualidade divergindo da heterossexualidade e performatividade de gênero diferente da indicada socialmente. Ao se propor uma análise social, onde estão interligadas diferentes relações culturais e sociais, se torna interessante perceber que nesse caso a questão de gênero teria o poder de normalização de determinados atos para além do gênero, propriamente dito. O que está disposto é que o homem gay que ela aponta (e Luísa concorda com o posicionamento) está relacionado a um homem que performa feminilidade, logo, com isso seria “mais fácil” vê-lo usando maquiagem, uma vez que essa é uma característica atribuída àquilo que é feminino (Bagagli, 2021).

Dessa maneira, a mulher desfem, justamente por não performar essa feminilidade, causaria certa estranheza, já que aquilo que foge da feminilidade, estaria atrelado à figura masculina do homem. É importante destacar que as relações e vivências entre um homem gay e uma mulher lésbica só estariam minimamente próximas na medida em que (i) ambos não são heterossexuais e (ii) suas respectivas performatividades de gênero podem estar fora do seu esperado. Logo, a comparação de experiências em outras instâncias que se utilizam do gênero não seria tão justa. Portanto, afirmar que um seria mais aceito que o outro remete a situações diferentes e com determinadas especificidades a serem analisadas para se propor essa afirmação.

A ideologia do romance heterossexual, irradiada na jovem desde sua mais tenra infância por meio dos contos de fada, da televisão, do cinema, da propaganda, das canções populares e da pompa dos casamentos, é um instrumento já pronto nas mãos do proxeneta, que não hesita mesmo em usá-los, [...] (Rich, 2010, p. 31).

O que foi possível observar ao longo das discussões é que a relação de causalidade entre a construção de gênero e o meio heteronormativo está relacionada à heteronormatividade compulsória enquanto um sintoma do sistema heteronormativo. Ou seja, uma norma está instituída e todos devem segui-la, quando naturalmente você não faz parte dela, mas existe algo que te força a desejar aquilo que não faz parte de você ou de quem você é, isso indica um ato forçado. Partindo desse princípio, se a heteronormatividade se refere às leis, a heterossexualidade compulsória seria as formas com as quais as estruturas sociais se utilizam para que esse sistema seja mantido.

O que implica dizer que, à medida em que a heteronormatividade passa a estar presente na vida de alguém, em seus atos e vivências, a heterossexualidade compulsória expressa suas naturalizações forçadas de maneira ainda mais explícita, mesmo que ainda não esteja claro a quem convive com tais atos. A partir disso, muitas pessoas se sentem pressionadas a seguirem a norma, a desejá-la enquanto única instância correta (Silva, 2000). A partir dessa percepção, é possível assimilar o quanto de valores contidos dentro do sistema heterossexual faz surgir uma relação de valores no qual qualquer pessoa que fuja desse modelo, ainda estaria sujeita as suas pressões constituintes (Silva, 2000).

“Não existe um casal assim, é... em nada, entendeu. Todos os casais são héteros, então o que você entende como romântico é composto por um homem e por uma mulher” (Lésbica, 2023, 32:15- 32:30). Quando Rich (2010) traz a heterossexualidade como um sistema, entende-se que o mesmo está em constante movimento para ser mantido. A fala de Baeta exemplifica uma experiência própria de como esse sistema age em suas ações. A força com que ele se propaga advém justamente da sua capacidade de estar presente na vida de muitas pessoas sem que elas sequer se deem conta de como determinadas representações podem estar influenciando suas vivências. Quando Baeta cita que “não existe um casal assim” está se referindo a um casal de lésbicas, indicando que há pouca representatividade não heteronormativa a sua volta.

Aliás, como seria possível alguém subitamente um dia acordar dizendo fazer parte de algo que não existe em seu mundo? O que está proposto é que muitas dessas mulheres se veem crescendo rodeadas por comportamentos que as conduzem para apenas uma opção de vivência, apenas uma maneira de existir. Quando se olha ao redor e se enxerga apenas casais heterossexuais, muitas mulheres lésbicas, antes de entenderem sobre sua própria sexualidade, podem acabar se sentindo deslocadas. Isso ocorre, principalmente, por estarem rodeadas de padrões e normas as quais não se reconhecem, estando assim, mais propícias a ficarem confusas sobre seus próprios pensamentos e percepções sociais.

A heterossexualidade compulsória pode estar expressa, muitas vezes, a partir do fato de que muitas pessoas se percebem enquanto não heterossexuais depois de muitos anos, onde muitas vezes isso ocorre, principalmente por conta daquilo que lhe foi construído (Rich, 2010). Muitas mulheres lésbicas, por exemplo, também sofrem com essa questão em suas vidas. Ao observar que tudo a sua volta diz respeito a homens e mulheres se relacionando. Quando se percebem tendo interesse em outras mulheres, isso pode ocasionar um conflito interno difícil de ser compreendido inicialmente.

Miskolci (2012) [...] sintetiza: “Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. (...) (sic) A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. [...] A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (Miskolci Apud Colling; Nogueira, 2019, p. 395).

Neste sentido, é possível observar uma espécie de matriz heterossexual, na qual os indivíduos devem ser alinhados e condicionados a protegerem a permanência desse sistema a partir da sua reprodução (Butler, 2019). Segundo Ana Maria Carneiro da Silva (2000), em leitura althusseriana, a estrutura tem mais força que o indivíduo, eles a seguem de forma normalizada. Levando isso em consideração, é possível imaginar uma espécie de transe onde todos são levados à heteronormatividade. Então, mesmo que você faça parte de um grupo de pessoas que fogem disso, dessa normalização forçada, não sendo heterossexuais, como cita Elayne Baeta, ainda seria levado, inevitavelmente, a essa vivência. Porém, partindo de outra visão onde o indivíduo também interfere em suas experiências, é perceptível que a partir do nascimento de alguém em uma estrutura, podem ser condicionados a segui-la. Porém, dependendo da experiência de cada um, poderá ser possível tentar rompê-la. Contudo, sair de algo em que muitos estão contidos é mais difícil de ser compreendido e validado por essa estrutura (Silva, 2000).

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Scott, 2019, p. 55).

A partir das análises constituídas até aqui, foi possível perceber de que forma a construção de gênero e todas as condições impostas para que ele se institua podem estar

relacionados a diversas outras questões relacionadas à normalização e construção de normatividades que buscam conduzir àqueles que estão inseridos neste sistema. Segundo a definição de Scott (2019) a percepção de papéis que cada gênero deve desempenhar são categorias essenciais para a análise da desfeminilidade. Uma vez que, ao instituir-se as ocupações de cada gênero e suas determinadas regras a serem seguidas, ao performarem determinados atos que socialmente estão relacionados ao que socialmente estão ligados aos homens, mulheres desfem muitas vezes acabam se percebendo desempenhando esses atos relacionados a sua não feminilidade. Isso será especificamente tratado a seguir.

3.3 A Performatividade de Gênero e a Lesbianidade Desfem

Para distinguir a desfeminilidade, a definição de feminilidade se torna um conceito inicial muito caro aos debates levantados durante as análises. Para dizer que algo é ou não feminino, seria preciso saber a definição de feminilidade. Para isso, será utilizada a definição indicada no livro *Dicionário da crítica feminista*, de Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005). Inicialmente, para feminilidade, em diversas traduções, as autoras indicam que a feminilidade faz parte do que é definido como “ser mulher”, o papel que ela está condicionada a desempenhar em sociedade, uma característica própria a ser desempenhado pelas mulheres, tomando como parâmetro de dualidade também a existência da figura masculina, do homem (Macedo; Amaral, 2005). Em um dos trechos inclusive, citam uma de suas traduções de “femininity” como “equivale a um conjunto de regras impostas à mulher pela sociedade patriarcal, de forma a torná-la atraente”(Macedo; Amaral, 2005, p. 68).

Ora, se a feminilidade está para a mulher como uma forma de agradar ao homem, a masculinidade não deveria estar para o homem como uma forma de atrair mulheres? A definição em si de masculinidade é muito mais sobre superioridade, talvez algo enraizado em um sistema patriarcal. Mas será que não estaria entrando em uma problemática heterossexual? Na teoria, pelo menos, sem levar em conta a heterossexualidade compulsória e entre outros conceitos que estão contidos nessas relações. Uma mulher lésbica, ao se interessar apenas por mulheres, o que ela ganharia com uma performatividade feminina, uma vez que ela não desejaria atrair um homem? Se faz necessário pensar nessa definição do dicionário como algo que reflete uma sociedade enraizada em uma hegemonia da imagem masculina. Porém, não seria correto fazer uma ligação direta como se, ao não performar feminilidade, automaticamente te faria romper totalmente com a heteronormatividade, inclusive, acontece

com determinada frequência, até mesmo no meio lésbico de ainda existir uma presença forte dessa heteronormatividade em suas experiências relatadas.

Por conta disso, a referente definição não será levada adiante “ao pé da letra”. Por exemplo, para Macedo e Amaral (2005), o conceito de masculinidade traduz-se como algo que está ligado ao homem. Como seria possível pensar a partir dessa definição? O termo masculino está ligado ao homem que, ao se perceber na sociedade, rodeado por padrões de performatividade de gênero, busca uma masculinidade que o faça se sentir aceito e pertencente? A crítica aqui não se faz apenas a esse dicionário ou a essas autoras, muito provavelmente pode ser encontrado diversas outras definições para este termo com significados parecidos. Isso ocorre por estar baseado, inicialmente, no senso comum, algo que está se buscando, pelo contrário, ser analisado e não apenas reproduzido.

A partir das percepções de gênero e suas performances, é possível constituir a feminilidade e sua performatividade, dentro de um sistema heteronormativo, enquanto um ato mantido por diversos significados, repetições e reafirmações de determinados atos que reafirmam a significação de que aquele corpo ocupa um espaço social destinado a determinado gênero. Atos esses que são construídos socialmente e culturalmente de diversas formas e através de diversos métodos de repetição, tal qual os meios utilizados para se propagar a heteronormatividade e punir aqueles que tentam se afastar dele (Butler, 2019).

Para afirmar que elas estariam indo contra alguns níveis de feminilidade esperada ou o estereótipo feminino será necessário definir, portanto, o significado de estereótipo. Beatriz Pagliarini, utiliza do uso desse conceito definindo assim que “[e]stereótipo não é nada mais do que uma palavra para designar o lugar comum, o modelo, o prototípico. Por isso estereótipo diz respeito à repetição da mesmice” (Bagagli, 2021, p. 61). No contexto dos estudos de mulheres lésbicas desfem, elas não estariam seguindo à risca o que lhes foi designado por seu gênero. Características como: “Um comportamento prototípico feminino pode se referir a gostar de usar maquiagem, acessórios e roupas tipicamente femininas, por exemplo” (Bagagli, 2021, p. 61). Algo semelhante a definição de desfem por Luísa Assaf durante a sua participação no podcast *Tesoureiras Podcast*.

No momento em que eu mudei meu estilo [...] as pessoas começaram a agir completamente diferente [...] Eu não conseguia entender na época. Então eu comecei a ir pra dates assim com mulheres que esperavam que eu pagasse as coisas, que eu sempre tomasse a iniciativa de beijar a pessoa primeiro, de começar as coisas primeiro, é ...ou, até falando de.. né? do oba oba é sempre eu que tenho que fazer as coisas primeiro e às vezes a pessoa só deita e fica lá esperando a mágica acontecer [...] (Tesoureiras, 2023, 11:38- 12:18).

Outro fator indicativo da leitura pessoal a partir da performatividade de gênero analisada por Assaf está em seu relato durante o seu processo de desfeminilização. A convidada aponta as mudanças que ocorreram ao seu redor, a percepção que as pessoas tinham dela foi mudando e isso ocorre pelo fato de que ela parou de seguir o que lhe foi estipulado como parâmetro para seu gênero. Dessa forma, a partir do momento em que sua performance de gênero muda, a maneira como as pessoas a enxergam também se modifica.

Observando alguns termos utilizados por ela, tais como “pagar a conta”, “tomar a iniciativa” e “fazer as coisas”, torna-se evidente a utilização de atributos que socialmente são associados à figura de homens na sociedade e em suas relações amorosas. Seguindo esse pensamento, tomar iniciativa em um flerte e seguir o papel de “ativa” nas relações sexuais acaba sendo um papel que muitas mulheres desfem acabam sendo levadas a reproduzir.

[...] porque é como se a mulher desfem ela representasse o papel de um homem, né? Numa relação lésbica. Enquanto isso não existe, né? Mas, semioticamente por a gente não representar aquela feminilidade que é esperada, automaticamente é como se nós fôssemos o homem da relação. Então muitas vezes a mulher espera que a gente vá tomar atitudes que os homens tomariam, que a gente vai convidar pra jantar, que a gente vai fazer isso e aquilo (Sapajusta, 2023, 3:10- 3:32).

Nesse sentido, a percepção de Luísa Assaf e Xalinska, mais uma vez, traz a performatividade enquanto um parâmetro para as relações sociais. Todas essas características citadas por elas não são exclusivas apenas para homens. Apesar disso, sabe-se que em um sistema heteronormativo, muitas vezes, esse atos estão inclusos na atribuição de papéis (Scott, 2019). As experiências de Assaf e Xalinska trazem evidências para essa percepção de como esse padrão de comportamento em que elas são vistas enquanto “homem da relação”, só passou a acontecer de maneira contínua a partir do momento em que sua performatividade de gênero mudou. O que reflete a influência dos papéis a serem seguidos em uma relação heteronormativa mesmo em casais compostos apenas por mulheres. Assim, a manutenção dos aspectos heteronormativos continuam em vigor, independentemente dessa relação não ser heterossexual (Colling; Tedeschi, 2019).

Agora quando é duas mulheres feminilizadas? Aí é fetichizado. E se é duas mulheres desfeminilizadas? Aí a chance de apanhar é bem maior. Então a gente vive esses dois extremos. Duas desfems são lidas como um casal gay, podem apanhar, que é como se fosse dois homens ou até um estupro coletivo, né? Coisas bem mais pesadas podem rolar e duas mulheres lésbicas feminilizadas é aquela fetichização, com certeza vai chegar algum macho babaca querendo participar [...] (Sapajusta, 2023, 25:44- 26: 08).

Outro aspecto relevante da fala de Xalinska sobre as diferenças de experiências por mulheres lésbicas a partir de sua performatividade se dá a partir da diferenciação entre os tipos de opressão que essas relações podem receber com base na sua performatividade de gênero. Ao indicar que socialmente duas mulheres desfeminizadas estão mais suscetíveis a serem agredidas por aparentarem ser um casal gay, a autora da fala está reafirmando um posicionamento que é muito debatido nesse mesmo episódio, o de que existe uma “caixinha” onde as pessoas encaixam o que elas não entendem naquilo que já conhecem.

Ou seja, a sociedade compreende a mulher desfem enquanto a imagem de um homem por não enxergar a concepção de uma mulher que não performa feminilidade da mesma forma que enxerga outras mulheres ao seu redor. Desse modo, duas mulheres desfem estariam mais próximas de um casal composto por dois homens gays, pois, segundo Xalinska, assim seria mais fácil de assimilar essa imagem e performatividade à qual muitas pessoas não estariam acostumadas a ver. A afirmação de que mulheres desfem, podem correr mais esse risco e de maneira mais violenta e indicando que mulheres lésbicas femininas são sempre sexualizadas se trata de um retrato da sua própria experiência, do que vivenciou ou viu ao seu redor (Williams, 2003). Porém, a partir das diferenças culturais, faz-se perceber o quanto o local em que ela se insere pode relacionar nesse posicionamento, não podendo dizer que essa afirmação será sempre verdadeira ou que se aplica em outras realidades. Pensamento parecido aparece na fala de Elayne Baeta, em *Lésbica e Ansiosa*, no qual relata sua perspectiva de como casais lésbicos são tratados nas redes sociais dependendo de sua performatividade de gênero.

[...] duas meninas femininas, a maioria dos comentários vão ser fetichistas, não vão ser de piada especificamente. Principalmente vindo do nosso próprio meio, porque isso vem do nosso próprio meio. Então duas meninas femininas juntas ‘lindas, fofas, que casal maravilhoso, ai eu queria ter o que vocês têm’. Duas mulheres desfem, ‘Meu Deus que estranho, mas elas parecem que... nossa mas elas são iguais, nossa mas quem pega quem, ai mas não bate, ai mas não consigo achar bonito isso’. Que é como o meio hétero trata homens gays. É o disfuncional pra eles (Lésbica, 2023, 54:58- 55:36).

Antes mesmo de chegar a esse ponto de sua fala, Elayne reafirma diversas vezes que não há a intenção de menosprezar a violência sofrida por mulheres lésbicas feminilizadas. Relata que compreende que elas sofrem também um tipo de violência por sua performatividade de gênero, para além da própria sexualidade onde muitas vezes elas podem acabar sendo assediadas ou tendo sua sexualidade invalidada (Lésbica, 2023). Apesar disso, mais uma vez as suas falas, tal qual a de Xalinska, demonstram a sua própria visão dessas experiências. Desse modo, ela acaba reafirmando o fato de que, socialmente, um casal lésbico

composto por duas mulheres femininas têm mais potencial de ser aceito do que um, composto por duas mulheres desfem.

[...] as pessoas com genitália masculina devem se comportar como machos, másculos e as com genitália feminina devem ser femininas, delicadas. Nesse sentido, um homem até pode ser homossexual, inclusive fora do armário, mas não pode se identificar com o universo feminino, nem uma mulher lésbica pode se identificar com o masculino (Colling; Tedeschi, 2019, p. 394).

Nesse sentido, a partir das observações obtidas a partir do olhar de Elayne sobre relacionamentos entre duas mulheres em redes sociais, ela afirma que as mulheres feminilizadas podem ser mais “engolidas” socialmente. A partir dessa fala, Elayne não está diretamente indicando que não exista homofobia sendo dirigida também a mulheres femininas, a análise se dá pela aceitação, até mesmo na comunidade lésbica. Dessa forma, ela indica algumas falas que geralmente podem estar relacionadas ao fato de que essas mulheres, apesar de fugir da heterossexualidade, ainda estariam condizentes com o padrão heteronormativo. Ou seja, tal como Colling e Tedeschi (2019) indicou no trecho acima, esses casais seriam mais aceitos pelo fato de que, apesar de ainda serem compostos por pessoas não heterossexuais, dentro da heteronormatividade, elas ainda estariam reforçando o padrão. Pois, para esse sistema, além da sexualidade, ou então, para além da heteronormatividade, o indivíduo deve pelo menos parecer hétero, seguindo as normas e assim camuflar sua verdadeira sexualidade (Colling; Tedeschi, 2019). Dessa forma, apesar de um casal composto por duas meninas femininas não estar dentro dos padrões de um casal heteronormativo, a sua feminilidade estaria, e isso já pode ser mais aceito que uma mulher que não performa sua feminilidade tida como natural.

A partir das análises feitas, foi possível perceber de que forma esse sistema heteronormativo consegue estar ativamente presente nas relações dessas mulheres lésbicas desfem. Indicando, assim, o quanto a performatividade de gênero, por muitas vezes estar associada a ideologias enraizadas em um binarismo, ocasiona percepções sociais que continuamente impõe essas construções mesmo que em existências não heterossexuais. A partir disso, se faz importante ouvir todas essas falas do ponto de vista de quem os vivencia, para assim conseguir abranger um panorama sobre os estudos de gênero e sexualidade com ênfase na lesbianidade desfem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre gênero e sexualidade podem se renovar diariamente. A partir disso, uma análise de falas a partir de experiências próprias levando em conta a sexualidade e performatividade em mulheres desfeminizadas demonstrou um importante recurso pesquisado, especialmente por ser um tema ainda amplamente invisibilizado ao qual muitas pessoas podem ter pouco ou nenhum acesso, ou conhecimento sobre sua existência. Atrelar isso ao podcast enquanto uma fonte que cresce cada vez mais através do público, apesar de ainda pouco pesquisado se comparado a outras fontes em História, pode incitar o interesse de um variado público sobre a temática apresentada, viabilizando assim, novos debates e reflexões sobre a discussão.

Dessa forma, o presente trabalho tem a intenção de responder a seguinte pergunta: De que formas a heteronormatividade é reproduzida e questionada em falas de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcast à luz dos Estudos Culturais? A partir do questionamento apresentado, a fim de responder a esta pergunta, o seguinte objetivo geral foi proposto: Analisar como a heteronormatividade é reproduzida e questionada em falas de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcasts à luz dos Estudos Culturais. Para atingir este objetivo, os seguintes objetivos específicos foram delineados: (i) Definir os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, com ênfase no conceito de heteronormatividade; (ii) Discutir as experiências de mulheres lésbicas desfem em episódios de podcasts brasileiros com atenção para questões de gênero e sexualidade; (iii) Identificar a reprodução e o questionamento da heteronormatividade nas falas das participantes dos episódios de podcasts. Tendo, portanto, os principais objetivos alcançados de maneira satisfatória.

Isso implica dizer que essas formas pelas quais a heteronormatividade pode estar sendo reproduzida, mas também questionadas a partir das falas selecionadas diz respeito principalmente a essas construções sociais e ideológicas às quais foram discutidas ao longo do texto. Ou seja, a partir das experiências de cada uma em um contexto que incluía uma vivência repleta por signos referentes a heteronormatividade e ocasionando a heteronormatividade compulsória, fez com que a maneira com as quais essas mulheres enxergassem às suas próprias experiências estivessem relacionadas a um contexto heteronormativo visto que esse foi por muito tempo o único modo de vida ao qual elas conheciam. Dessa forma, algumas das maneiras pelas quais elas se utilizam de palavras ou exemplos que carregam partes desse sistema, podem estar intimamente ligadas às suas

próprias vivências dentro desse sistema. Por conta disso, em alguns momentos algumas falas podem parecer apenas estar reproduzindo um sistema ao qual elas pretendem criticar.

A partir desse mesmo sistema, juntamente com reflexões e debates aos quais cada uma teve sobre essas problemáticas que estavam relacionadas às suas performatividades de gênero e experiências, buscam romper com esses padrões. Ao questionar a configuração de um casal socialmente visto a partir de uma aparência heterossexual onde devem haver papéis a serem exercidos enquanto o homem e a mulher de uma relação, ou quando esses estereótipos recaem sobre suas ações e expectativas que suas parceiras podem obter a partir, apenas, de sua aparência. Ao questionar esses parâmetros, demonstram estar não apenas reproduzindo um mesmo sistema, mas também produzindo novas formas de olhar para esses padrões, questioná-los e buscar repensar as ideologias que foram constituídas.

Durante a pesquisa, desde a escolha do eixo temático, recortes temporais e de fonte foi possível perceber uma escassa produtividade de trabalhos acadêmicos ou de cunho reflexivo que traga a perspectiva de mulheres lésbica desfem a ser discutida. Para tratar sobre essa temática tiveram de ser utilizados diversos textos, os quais não estavam presentes de maneira predominante em minhas leituras. Portanto, o processo de pesquisa, muitas vezes foi uma descoberta por novas perspectivas e possibilidades. Ocasionalmente assim, um enriquecimento pessoal a partir da aprendizagem desses novos temas, aumentando o interesse e instigando ainda mais a vontade de conhecer esses debates, além de oportunidades de participar e apresentar os resultados parciais em um evento. Além de tudo, poder finalizar o curso com um tema e o uso de fontes que divergem do que muitos historiadores propõem, causa um sentimento de novas oportunidades para futuras pesquisas.

Dessa forma, para pesquisas futuras a partir do meu trabalho, sugiro algumas novas perspectivas para se pensar a performatividade de gênero e/ou a lesbianidade. Proponho uma análise mais específica sobre algumas interseccionalidades que não puderam ser executadas aqui pelo curto prazo de seis meses para seu desenvolvimento. Portanto, uma análise que visa experiências que entrelaçam novos grupos sociais em diferentes âmbitos seria uma pesquisa enriquecedora. Principalmente a partir do uso de novos autores que propõem modos de reflexão que estimulem os estudos de gênero e sexualidade no Brasil.

Além de novas fontes, também instigo ao leitor que ouça e analise os podcasts aqui selecionados. Levando em conta o pouco tempo para desenvolver todas as leituras, reflexões e escrita, não foi possível discorrer sobre uma grande quantidade de falas a serem analisadas. Porém, perpassando por essas falas, reconheço serem essenciais diversos outros trechos que exemplificam com ainda mais ênfase algumas discussões abordadas durante a pesquisa. Esse

exercício de reflexão é extremamente importante para que as problemáticas abordadas possam se dissipar por entre novas perspectivas e olhares que contribuam cada vez mais com a visibilidade e estudo acerca dessa temática.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **O iluminismo como mistificação de massas**. *In*: Indústria cultural e sociedade. São Paulo, Paz e terra, 2002. p. 5-44.
- AMARAL, Ana Luísa; MACEDO, Ana Gabriela. **Dicionário da crítica feminista**. Edições afrontamento, 2005.
- BAGAGLI, Beatriz P. **Abordando estereótipos de gênero e cisgeneridade**: entre a subversão e resistência nos discursos transfeministas e feministas radicais trans-excludentes. **Revista Leitura**. [S.I.], n. 69, p. 55-68, 2021. Disponível em: Acesso em 5 Set. 2024.
- BAETA, Elayne. **Oxe, Baby**. Rio de Janeiro, Galera Record, 2023.
- BATISTA, Jéssica Motta. **#POV Você é a “mulher da relação”**: moralidades e violência no amor entre mulheres adolescentes. Monografia p. 68. 2023. (Graduação em Ciências Sociais)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRS, 2023.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas**: uma introdução aos seus usos historiográficos. **ANPUH**, 2019..
- BEZERRA, K. D.; NASCIMENTO, C. A.; VARGAS, J. R. **FAEEBA**, Salvador, V. 32, n. 72, p. 301-319, out/dez. 2023.
- BRAGA, Denise Bértoli. **Tecnologia e participação social no processo de produção e consumo de bens culturais**: novas possibilidades trazidas pelas práticas letradas digitais mediadas pela Internet. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, [s.l.], v. 49, n. 2, p. 373-391, dez. 2010. **FapUNIFESP** (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-18132010000200005>>. Acesso em: 02 set. 2024.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Quarta lição**. *In*: Dez lições: sobre estudos culturais. Boitempo, 2003, p. 9-99.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **A questão do gênero**. *In*: Gênero: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.
- DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- ECOSTEGUY, A. C. **Uma introdução aos Estudos Culturais**. Famecos, Porto Alegre, n. 9, p. 87-97, dezembro. 1998.

FORNALI, Marcelo. **Para Spotify, Brasil é o país do podcast**. 2024. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/musica/spotify-brasil-podcast>. Acesso em: 18 Set. 2024.

FERREIRA, Andréia de Paixão. **A invenção do rádio**: um importante instrumento no contexto de disseminação da informação e do entretenimento. Múltiplos olhares em ciência da informação, v. 3, n. 1, p. 1-17, mar. 2013.

GONZATTI, C.; KOLINSKI MACHADO, F. V. **Um Milkshake Chamado Wanda**: O podcast e a discussão de gênero no jornalismo de cultura pop. Radiofonias — **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 160-181, jan./abr. 2020.

HALL, S. **Estudos Culturais e seu legado teórico**. In: Da diáspora. Minas Gerais, Editora UFMG, 2003. p. 299-217.

HALBERSTAM, Jack. **A arte Queer do fracasso**. Recife, Cepe Editora, 2020.

HOLLANDA, H. B. de (Org.) (2019). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais pensamento feminista**. Rio de Janeiro. Bazar do tempo, 2019

JANAY, Paula. **Podcasters e seus ouvintes**. Comunicação Pública, vol. 16, n. 31, 15 dez. 2021, p. 1-21.

LÉSBICA e ansiosa. **A teoria do buquê hipotético**. [Locução de] Elayne Baeta. [S. I.] : Lésbica e Ansiosa, 29 nov. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0SYXw79RU1lef3hYhYZ2Lu?si=de3845a14542405a>. Acesso em: 22 jun. 2024.

LIU, Bruna. **O que é ser sáfica? Conheça termos que tem raízes na cultura da Grécia antiga**. 2023. Disponível em : <https://revistamarieclaire.globo.com/comportamento/noticia/2023/06/o-que-e-ser-safica-conheca-termo-que-tem-raizes-na-cultura-da-grecia-antiga.ghtml>. Acesso em 24 de Set. 2024.

LOPES, André. **Estudo do Spotify revela que audiência de podcasts é 3,5x maior nos dias úteis**. 2023. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/estudo-do-spotify-revela-que-audiencia-de-podcasts-e-35x-maior-nos-dias-uteis/>. Acesso em: 20, Set. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Autêntica, 2018.

LUIZ, Lúcio; ASSIS, Pablo de. **O Podcast no Brasil e no Mundo**: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33. 2010, Caxias do Sul. Anais. São Paulo: Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: 22 de set. 2024.

QUINALHA, Renan . **Movimento LGBTI+**: Uma breve história do século XIX aos nossos dias. São Paulo: Autêntica, 2022.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios** Rio de Janeiro: A Bolha, 2019.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Rio de Janeiro : Autêntica, 2015.

SAPAJUSTA. **Desconstruindo estereótipos de lésbicas desfem- com Xalinska @xalinska e Ana Clara @anaclaram**. Entrevistadora: Letícia Martins. Entrevistadas: Ana Clara e Rafaela Xalinska. [S. I.] Sapajusta, 20 mar. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7GtCLNzbk2zT66Fe4BJlDe?si=cqICgbMCSWadZkDNh8CXPA>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SILVA, A. M. A. C. **Estrutura! Agência! Ação!**. Temáticas, Campinas, São Paulo, v. 8, n. 15, 2000. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/39-70>. Acesso em: 10 Ago. 2024.

TESOUREIRAS Podcast. **EP| 18 Como é ser uma lésbica desfem? feat Luísa Assaf**. Entrevistadora: Isabela Kayath. Entrevistada: Luísa Assaf. [S.I.] Tesoureiras Podcast, 28 ago. 2023. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5GPIHQ9RQZnBPPXm6JHEMn?si=boEkukaPRHquA_0ATTQfYw. Acesso em 22 jun. 2024.

TRANSFORMANDO SAM. **ICarly**. Produção: Dan Schneider. Estados Unidos. Nickelodeon, 2009.

Williams, Raymond. **A cultura é algo comum**. In: Recursos da esperança: cultura, democracia, Socialismo. Editora Unesp, 2015. p. 3-28.

WILLIAMS, Raymond. **Experiencia (Experience)**. In: Palabras Claves: Un vocabulario de la cultura Y la sociedad. Buenos Aires, Nueva Vision, 2003. p. 137-140.